

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA



Edição 04

Ademir Pascale · Érica Bombardi · Fred Oliveira
Gerson Lodi-Ribeiro · Jessica Borges · Mary C. Muller
Ilustração: Edmar Nunes · Organização: Rodrigo van Kampen

Revista Trasgo

Edição 04

Editorial

Rendição do Serviço de Guarda - Gerson Lodi-Ribeiro

Vivo. Morto. X. - Érica Bombardi

Isaac - Ademir Pascale

Estive assombrando seus sonhos - Mary. C. Muller

Arca dos Sonhos - Fred Oliveira

No Labirinto - Jessica Borges

Galeria: Edmar Nunes de Almeida

Entrevista: Edmar Nunes de Almeida

Entrevista: Gerson Lodi-Ribeiro

Entrevista: Érica Bombardi

Entrevista: Ademir Pascale

Entrevista: Mary C. Muller

Entrevista: Fred Oliveira

Entrevista: Jessica Borges

Créditos da Edição

A Revista Trasgo é uma publicação independente. Apoie, visite <http://trasgo.com.br> e divulgue!

EDITORIAL #04

Bem vindos à quarta edição da Revista Trasgo!

Esta é a última gratuita. A Trasgo vem se profissionalizando cada vez mais desde o primeiro volume, e o próximo passo nessa trajetória é remunerar os contistas, ilustradores e todos os envolvidos no trabalho de trazer estes belos contos até vocês.

Calma, a revista ainda será parcialmente gratuita. Grande parte do conteúdo será publicado no site, um conto a cada quinze dias. Para ler todo o conteúdo de uma vez, no conforto do seu e-reader, você poderá comprar o ebook, que terá pelo menos um conto exclusivo.

Esta edição será publicada no site como as próximas, ou seja, um conto a cada quinzena. Neste ebook o conteúdo está integral, como se você tivesse comprado a revista.

Para acessar o conteúdo das próximas edições sem pagar nada, temos uma promoção exclusiva a quem ajudar a divulgar as quatro primeiras edições em seu blog, podcast ou videocast. Leia as regras em trasgo.com.br/promocao. As imagens em alta qualidade e releases para divulgação da revista estão em trasgo.com.br/imprensa. Inscreva-se também em nossa newsletter para receber um aviso em seu e-mail a cada nova edição da Trasgo!

Avisos feitos, vamos para o conteúdo? Abrimos esta edição com “Rendição do Serviço de Guarda”, uma noveleta do veterano da FC brasileira Gerson Lodi-Ribeiro, na qual os humanos são a principal esperança em uma guerra que já dura milênios. Também publicamos um conto de Érica Bombardi, “Vivo. Morto. X”, um conto sobre escolhas e influências, com um toque gótico e contemporâneo.

“Isaac”, de Ademir Pascale, traz um cenário pós-apocalíptico onde humanos se tornaram piores que animais. Em seguida, um delicioso conto de Mary C. Muller, “Estive assombrando seus sonhos”, sobre um jovem medium em treinamento.

Em “Arca dos Sonhos”, de Fred Oliveira, nos colocamos na mente do capitão de uma grande nave vagando por milênios rumo ao desconhecido. Para fechar esta edição, um texto leve de Jessica Borges, “No Labirinto”, influenciado pelo filme homônimo com David Bowie, sob uma abordagem

única e singela.

Você vai reparar em alguns anúncios nesta edição. Estamos testando os modelos em parceria com os amigos do Ghost Writer e CabulosoCast, por favor nos diga o que achou nos comentários, e-mail ou redes sociais. Se você tem interesse em anunciar na revista, temos uma oferta especial para autores independentes. Consulte o mídia kit em trasgo.com.br/midiakit.

Como sempre, um agradecimento de coração aos voluntários que trabalharam nesta edição e a todo mundo que tem contribuído para evolução da Trasgo e a apresentado a novos públicos. Vocês são demais, gente!

Aproveitem a leitura.

Rodrigo van Kampen

Acompanhe a Trasgo

Revista: <http://trasgo.com.br>

Blog do editor: <http://revistatrasgo.tumblr.com>

Twitter: <http://twitter.com/revistatrasgo>

Facebook: <http://fb.com/revistatrasgo>

Google+: <http://trasgo.com.br/gplus>

RENDIÇÃO DO SERVIÇO DE GUARDA

Gerson Lodi-Ribeiro

Eddie observa o céu estrelado desta noite agradável de verão no hemisfério sul. O brilho das estrelas no fundo do vasto holotank do núcleo de controle da base é indistinguível do fulgor legítimo a céu aberto.

Suspira e então cerra os maxilares com o queixo apoiado na concha da mão.

Lá fora, na vastidão deste setor da periferia galáctica, a menos de mil anos-luz do Sol, grassa uma guerra interestelar avassaladora. Um conflito abarcando dezenas de espécies civilizadas, um engajamento de proporções incomensuráveis à imaginação humana, que já perdura por mais de trinta e cinco milênios.

Krezstul lhe disse que os antepassados dele haviam batizado o conflito de “Guerra Natural”. Eddie abana a cabeça, desalentado. Sente saudades do humanoide de pelagem vermelha, seu predecessor, mestre e amigo durante os últimos cinco séculos.

Pensa outra vez no makene. Após vinte mil e poucos anos na Terra, o mentor regressava de seu exílio voluntário rumo ao sistema pátrio, enfim de volta ao seio da civilização materna, da qual abria mão em prol do cumprimento da missão de sua vida.

Seu antigo mestre permaneceu nove décimos da existência mergulhado na gravitofera solar. Mais especificamente, na Terra. Ainda que tenha se mantido em estado de animação suspensa por boa parte destes milênios, viveu demasiado, até por padrões makenes. Presenciou eventos históricos demais. Conviveu com milhões de pessoas. Acumulou uma quantidade prodigiosa de conhecimentos em primeira mão. Humanólogo por excelência, presenciou a alvorada, o florescimento e o ocaso de centenas de protocivilizações humanas. Auxiliou algumas. Influiu para minar a pujança de muitas. Atuações de exceção. Pois estudou a maioria com o afastamento científico devido, ante as circunstâncias.

O makene legou sua base ao novo guardião.

O programa-mestre do biocomputador residente no interior do complexo

constituirá o único companheiro de Eddie e seu principal auxílio nos séculos vindouros. Sua sentença de solidão quase absoluta só será comutada quando os humanos lograrem desenvolver suas próprias técnicas de navegação interestelar. Então poderá revelar o propósito de sua missão e o papel que a Liga das Espécies espera que a humanidade assuma na periferia galáctica.

Além de abrigar um programa-mestre dotado de autoconsciência, a biomáquina armazena a coleção completa dos registros holográficos das experiências de Krezstul e grande parte do conhecimento científico e cultural makene.

Uma tarefa árdua e solitária. Longa, mesmo pelos padrões sobre-humanos, granjeados por Eddie com o beneplácito da Liga.

Com cautela e um pouco de sorte, não será colhido pela morte. Pois há um dispositivo do tamanho de um caroço de azeitona implantado em sua nuca, um artefato de fabricação makene que reprograma seu organismo, estimulando-o a produzir as enzimas responsáveis pelo desarme do relógio celular existente no padrão genético de toda a vida superior terrestre. Essas enzimas sintéticas ludibriam o mecanismo que desencadeia a decadência biológica associada à senilidade. Graças a Krezstul, vem mantendo sua idade somática constante há dois séculos e supõe que o fará até cumprir a missão milenar que lhe foi delegada.

Mesmo para um humano imortal, equipado com uma tecnologia muito superior à proporcionada pela ciência solariana do século XXII e com o vínculo hipercom com os makenes, a missão exigirá um sacrifício extremo.

Apesar de suas novas capacidades de guardião do Sistema Solar, tem plena consciência de que é apenas humano. Solitário e temeroso, diante de uma ameaça que, tanto em escala tecnológica quanto espaçotemporal, empalidece qualquer engenho, instituição ou empreendimento da humanidade.

Numa tentativa de insuflar ânimo em seu espírito abatido, rememora as palavras de Krezstul:

— O caminho para a vitória definitiva na Guerra Natural depende da continuação de nosso êxito em manter a cultura humana evoluindo por uma trilha correta. Vocês serão o nosso trunfo. Nossa arma secreta.

Estremece ao imaginar o que acontecerá à humanidade e, conseqüentemente, à Liga das Espécies, se os Carnívoros os descobrirem antes que estejam prontos.

Krezstul partiu há poucas semanas. Eddie ainda não se acostumou ao convívio solitário com o temor calmo e arraigado.

Sorri com tristeza. Desconfia de que esse sentimento de impotência constituirá seu companheiro mais fiel pelos séculos vindouros.

A nave auxiliar decolou da Terra há menos de um mês. Dista agora cinco vezes mais afastada do Sol que a órbita de Netuno. Docou num dos hangares do veículo estelar makene que jaz na borda da nuvem cometária que envolve o Sistema Solar.

Para os padrões de seus construtores, trata-se de uma nave estelar de porte reduzido. Um modelo antiquado, cuja característica principal reside na capacidade de se tornar virtualmente invisível à tecnologia de detecção humana, graças a um sistema ativo de antirreflexão, camuflagem que precisou ser atualizada diversas vezes nos últimos séculos, à medida que a ciência solariana progredia e a humanidade explorava mais a fundo os ermos do Sistema Solar.

Krezstul aciona o painel frontal do passadiço do veículo por comando vocal. O telescópio permanece focado na Terra, que se exhibe como uma bola branco-azulada com poucos contornos nítidos na ampliação do holotanque. Não precisa recomendar que o gerente-de-bordo empregue os filtros de compensação óptica para evitar o fulgor da luz solar, feérica à sensibilidade do equipamento, mesmo à distância de dezenove horas-luz.

Esboça um sorriso melancólico. Um dos trejeitos tipicamente humanos que reluta em abandonar. Há menos de novecentos anos terrestres, na pele de um artífice de materiais ópticos holandês, sugeriu que o já célebre Galileu Galilei construísse sua primeira luneta. Outros humanos já o haviam feito uns poucos anos antes. O makene sabia que, ao contrário de seus contemporâneos, o gênio pisano faria bom uso do invento.

Presta novamente atenção ao holograma da Terra. Distraído, considera o holo bem melhor do que os obtidos a partir dos telescópios instalados no novo observatório automático que os humanos plantaram em Caronte.

Lembra-se do início.

Chegou à Terra em plena glaciação.

Os informes anteriores haviam sido vagos e poucos conclusivos. As sondas falaram de uma forma de vida bípede paleolítica, radicalmente diferente de tudo que a ciência da Liga conheceu até então.

Os dados relevantes eram escassos. Afinal, haviam sido colhidos às pressas por duas sondas estelares distintas. Em ambas as ocasiões os engenhos de passagem pelo Sistema Solar constituíram modelos bastante antigos e primitivos pelos padrões tecnológicos então vigentes e nem mesmo possuíam módulos de aterragem, recursos que teriam possibilitado a exploração da superfície daquele mundo biótico e o estudo de suas formas supostamente racionais *in situ*. Os batedores daqueles modelos foram lançados milhares de anos antes da eclosão da Guerra Natural. Na época da descoberta dos primeiros humanos, os makenes não julgaram que aquele tipo de pesquisa importasse tanto, sobretudo, diante do esforço-de-guerra imenso que sua civilização vinha empreendendo há milênios.

Krezstul deparara-se com umas poucas tribos esparsas de duas subespécies humanas distintas. Suas rotinas inteligentes estimaram a população terrestre em cerca de dez mil indivíduos. Um quadro bem mais dramático do que aquele delineado a partir das informações das sondas. Os humanos corriam um risco severo de extinção. Cumpria minimizar essa possibilidade.

Com o auxílio do programa-mestre, instalou sua base planetária e em poucos meses traçou uma linha de ação de contingência.

Um deus novo e terrível resplandeceu no panteão Cro-Magnon durante algumas gerações nas estepes geladas e na tundra das regiões setentrionais do continente eurasiático.

Apoiado por uma equipe de robôs bem programada, o makene empurrou as tribos atemorizadas do *Homo sapiens sapiens* para regiões até então inexploradas. Afugentou manadas de mamutes lanudos para o sul, para que os Cro-Magnon dispusessem de caça farta. Algumas tribos atravessaram o Gibraltar e mais tarde o Estreito de Bering, almejando fugir à cólera da divindade de pelagem rubra, que trajava peles de bestas desconhecidas mesmo aos caçadores mais experientes e comandava um séquito de criaturas infernais, cujos corpos, feitos de uma pedra lisa e brilhante, revelaram-se impenetráveis às lanças arremessadas pelos braços mais possantes.

Para as poucas tribos que já viviam nas regiões não atingidas pela glaciação, o deus escarlata desempenhou um papel diverso. Ensinou os

primeiros rudimentos da agricultura a duas tribos ribeirinhas da Ásia e uma da África. Os povos que habitavam as margens do grande lago do Saara foram agraciados com a cerâmica e a noção de que certos animais podiam ser domesticados.

Em alguns casos, as tribos que fugiam do deus terrível do norte se fundiram com os povos protegidos pela divindade benevolente do sul.

Todas essas comoções se deram apenas entre as diferentes tribos Cro-Magnon. As tribos neandertais não foram perturbadas.

A glaciação se tornou mais rigorosa, como o programa-mestre previra há centenas de anos.

Acuados pelo frio e pela fome, os caçadores neandertais conduziram suas tribos para o sul.

Bem estabelecidos há muitas gerações na África do Norte, na Ásia Menor, nos vales do Indo e do Yang-Tsé, as comunidades prósperas de Cro-Magnon não tiveram dificuldades em rechaçar os invasores neandertalenses com a aplicação de um esforço conjunto.

Um mal necessário. Krezstul e o programa-mestre lamentaram amargamente seus papéis naquele genocídio sutil.

Os neandertais possuíam coragem e agressividade, mas não no mesmo grau que os Cro-Magnons. Possuíam ídoles mais brandas e pacíficas. Eram mais contemplativos, talvez até mais sábios que os Cro-Magnons. Krezstul se identificou com os neandertalenses. A própria civilização makene constituíra em seus primórdios uma cultura pacífica. Aqueles eram os valores que Krezstul fora ensinado a louvar desde a infância.

A Guerra Natural obrigou os makenes e as demais espécies da Liga a empreender uma guinada brutal em sua maneira de ser. Caso houvessem persistido com seus credos filosóficos não-beligerantes, teriam sido varridos pelo furor ofensivo dos Carnívoros.

Nunca é fácil mudar a maneira de ser e pensar de uma civilização madura inteira. Sobretudo, quando se trata de uma civilização com dezenas de milênios de história.

A reiteração, numa escala menor, da atitude tomada por seus antepassados abalou o guardião makene. Julgara ter vindo à Terra para velar pelo desenvolvimento da espécie humana. Conscientizou-se de que a lealdade à Liga o obrigaria a perturbar o curso de vida de povos inteiros, a causar a dor e trazer a guerra, a fome, a miséria e a morte para muitos milhões de seres

pensantes, na esperança de que, junto com tanta desgraça, algum progresso florescesse.

Não havia muito tempo. Urgia fomentar o progresso técnico e cultural da humanidade, reforçando simultaneamente o temperamento agressivo da espécie. Na realidade, patrocinar o extermínio dos neandertais foi apenas a primeira de uma série de confirmações em pequena escala da coerência das escolhas difíceis praticadas por seus ancestrais.

Em seus sistemas estelares, os makenes se julgavam criaturas de espírito elevado e conduta ética inatacável. Nas planícies ermas e geladas da Sibéria, ou no cálido aconchego de sua base num grande planalto da América do Sul oriental, houve ocasiões, como aquela em que condenara a raça neandertal ao oblívio, em que Krezstul se considerou tão cruel quanto um Carnívoro.

— De todas as espécies humanoides já descobertas pela Liga, meu jovem Edwin McAndrews, os humanos são os únicos cuja agressividade e espírito de luta se comparam aos das espécies racionais Carnívoras, com a diferença que vocês evoluíram sozinhos. Ou quase...

Ele ouvira o makene afirmar essa frase esdrúxula poucas semanas depois de se conhecerem, na penúltima década do século XX. Só após Krezstul lhe explicar tudo, ao longo dos anos seguintes, compreendeu aquela afirmação categórica.

A maioria das espécies racionais deste setor da periferia galáctica possui contornos humanoides, embora dotadas de metabolismos, fisiologias e padrões comportamentais em geral bastante diversos de seus equivalentes humanos. Essas espécies se desenvolveram, quase invariavelmente, em ambientes menos competitivos do que os terrestres. Ecossistemas não raro desprovidos de predadores realmente perigosos. Os humanoides que tiveram que se defrontar, ao longo de sua evolução biológica e cultural, com predadores mortíferos, acabaram por criar armadilhas para afugentá-los, ou ainda, paliçadas para impedir-lhes o acesso às áreas habitadas.

Os humanos constituem uma exceção notável. São o único povo humanoide conhecido que, desde os primórdios de sua evolução como espécie, conceberam armas ofensivas para enfrentar os predadores

irracionais. Com o tempo, tornaram-se eles próprios os maiores predadores da Terra. Uma criatura bípede racional que não se encolhia, trêmula de pavor, ante o rugido de um tigre de dentes-de-sabre ou o rosnado cavo e possante de um urso-das-cavernas.

Para os xenologistas dos povos humanoides que compunham uma Liga das Espécies severamente pressionada pela Guerra Natural, no princípio foi impossível acreditar. Criaturas racionais humanoides com a agressividade de uma espécie Carnívora. Seres capazes de lutar contra carnívoros irracionais de grande porte contando com pouco mais do que as mãos nuas.

Que danos tremendos não seriam capazes de infligir aos Carnívoros se dispusessem de uma tecnologia sofisticada, os makenes especularam, levantando a questão numa conferência militar da Liga.

Dessa forma, segundo Eddie soube vinte e poucos milênios mais tarde, a longa missão de Krezstul no Sistema Solar fora arquitetada.

Krezstul medita, preparando o espírito para o breve período de hibernação. Em breve rumará para a câmara de animação suspensa e ordenará que o gerente-de-bordo inicie a viagem de regresso. Em poucos anos humanos estará em casa. No entanto, ao contemplar o holograma da Terra, hesita.

Írá para casa afinal. Surpreende-se ao se perceber acometido por uma avidez nervosa ante a certeza do regresso há tanto ansiado. Dividido entre as saudades da Terra que já o acometem e as saudades de casa, tormento onipresente durante os milênios de seu exílio. Passou demasiado tempo afastado de seus semelhantes. Tempo bastante para, agora que deixaria a Terra para trás, começar a pensar no mundo dos humanos como seu verdadeiro lar. Tempo bastante para começar a se questionar sobre o quanto de makene ainda resta em seu âmago.

Mesmo para um povo acostumado à imortalidade, gozou de uma existência excepcionalmente longeva. Porque, cedo ou tarde, o imortal desiste da vida. No começo, a perspectiva da passagem dos séculos e milênios assusta um bocado, sobretudo, os cidadãos mais antigos, que foram assombrados pelo fantasma da morte em suas juventudes. Depois, junto com a certeza absoluta da eternidade, vem o tédio. Contudo, por mais paradoxal que pareça, a Guerra

Natural constituiu um estímulo extraordinário. Jamais na longa história makene, tão poucos cidadãos optaram pela desistência. Krezstul, por exemplo, idoso como é, sente-se mais vivo do que nunca. Mesmo afastado centenas de anos-luz de seus semelhantes mais próximos, não foi acometido pelo anseio de abandonar tudo. Decidiu permanecer vivo em prol da causa e jamais se arrependeu.

Animou-o não somente a relevância de sua missão na Terra, como a esperança de um dia retornar à civilização makene. Sua cultura se modificou bastante nestes últimos vinte milênios humanos. Os costumes e a tecnologia teriam parecido inteiramente estranhos ao historiador e ex-guardião, caso não houvesse acompanhado todas essas mudanças à distância, à medida que se processavam.

Regressará ao lar de todos os makenes.

Com um sorriso, repara ter adotado uma postura tipicamente humana ao sentar na poltrona anatômica do passadiço. *Velhos hábitos primatas.*

Afinal, depois de todo este tempo, tornou-se meio-humano. Os pelos dos braços e do dorso se eriçam de orgulho ante o pensamento. Sentirá saudades.

Tristonho, recorda-se de que não houve apenas gratificação profissional e satisfação pelo cumprimento do dever em sua longa estada no mundo adotivo.

Por várias vezes conheceu o amor. Amor de um tipo muito diverso daquele que experimentara com as cidadãs de seu sistema natal. Um sentimento menos sofisticado e intelectualizado, mais intenso e saboroso, do que o outrora dedicado às mulheres de sua própria espécie.

Após cada uma dessas aventuras românticas de umas poucas décadas, jurava que não sucumbiria ao desejo outra vez. Sempre conseguiu se manter fiel ao juramento. Por alguns séculos.

Ainda sentado à poltrona anatômica, solta uma risada rouca que termina num gemido. Se estivesse presente aqui consigo, o amigo Edwin McAndrews decerto teria classificado esse som tão humano com o adjetivo “pungente”.

No início, julgou-se inteiramente incapaz de se apaixonar por uma fêmea humana. Considerara-as demasiado exóticas, com seus modos rudes e agressivos, as epidermes praticamente desprovidas de pelos, as nádegas carnudas e o cheiro adocicado de seus fluidos vaginais.

A solidão falou mais alto. A solidão e a necessidade de se manter emocionalmente saudável, numa época em que já se sentia farto de recorrer ao auxílio pueril das simulações proporcionadas pelo programa-mestre da

base.

Dezesseis milênios afastado dos indivíduos de sua própria espécie, durante os quais interpretou papéis humanos de complexidade crescente, personificações cada vez mais convincentes e eis que começou a se considerar um mestiço cultural. As mulheres humanas já não pareciam tão esquisitas. Suas peles nuas exalavam um aroma agradável e sensual. Os seios diferiam um bocado das tetas das mulheres makenes, tanto em número quanto em disposição, isto para não falar na ausência óbvia de pelagem. Neste quesito particular, justamente a região pubiana peluda era o local em que as duas espécies de mulher mais se assemelhavam.

Sim. Não só copulou, como se apaixonou perdidamente por muitas mulheres humanas. O mais triste era o fato de que suas amadas envelheciam e morriam num piscar de olhos.

A primeira foi a doce Nafren, filha de um faraó dos primórdios do Antigo Império. Sob o disfarce humano de Imhotep, ministro e sacerdote egípcio, Krezstul servira primeiro ao avô e depois ao pai da princesa amada. O faraó Neterierkhet (que os helenos optaram por chamar de “Djoser” milhares de anos mais tarde) tinha-o numa estima tão elevada que aprovou entusiasmado seu casamento com a filha predileta.

Depois vieram Tabaat, a bela fenícia dos tempos de Hiram; Tsin Li, filha de um comerciante com laços sanguíneos com a família imperial da Dinastia Tcheu; Flavínia, uma patriciana romana da época anterior às Guerras Púnicas e muitas, muitas outras. A última foi uma princesa incaica nascida em 1232 AD.

Após Nimalk, uma jovem de origem quíchua, possuidora da epiderme clara característica de sua posição social elevada entre os incas, logrou manter certo celibato por cerca de novecentos anos. Porque a dor provocada pela morte da mulher amada não se tornava menos intensa a cada repetição. Ao contrário, continuava tão capaz de destroçá-lo por dentro como na primeira vez. Ou talvez, como já suspeitara em várias ocasiões, doesse mais a cada novo amor perdido. Portanto, nos últimos nove séculos, limitou-se ao sexo casual com humanas incapazes de lhe despertar amor ou paixão.

Se ao menos os hierarcas da Liga Ihe houvessem permitido ofertar a imortalidade a suas humanas amadas... Longe disso, sempre advogaram que o advento de humanas imortais reduziria em muito as probabilidades de êxito da missão.

Os sistemas de termorradar da nave estelar esguia que penetrou na nuvem de Oort solariana poucas horas atrás são sensíveis o bastante para que a caçada seja coroada pelo êxito. Os dois tripulantes exultam ao confirmar as suspeitas levantadas no informe do Serviço de Inteligência Aliado, transmitido direto do Quartel-General.

A criatura de cerdas castanhas e olhos pedunculares se ergue nas quatro patas traseiras e urra jubilosa quando a ampliação holográfica exhibe a silhueta de um vaso alienígena. Ideogramas no idioma da espécie-líder flutuam pouco abaixo do holograma.

— Makenes! Então as informações que recebemos eram corretas.

O outro Carnívoro — menor que o companheiro e de aparência vagamente humanoide — libera as garras retráteis de uma das patas tridáctilas e alisa a crina hirsuta que lhe recobre o crânio, descendo até o dorso musculoso. Sua fisionomia assume um aspecto céptico ao declarar:

— Trata-se de um modelo muito antigo. As linhas, no entanto, são tipicamente makênicas.

— Um destroço, portanto.

— Não creio. Repare no perfil de emissão energética. Suas linhas indicam que os sistemas de manutenção de vida estão ativados e o propulsor de antimatéria parece pronto para impulsionar o veículo daqui para longe tão logo o gerador de parassingularidades fenda o continuum.

O alienígena cerdoso reassume bruscamente a postura octópode característica. A plataforma elevada do centro de comando acanhado estremece ante o impacto. As naves de reconhecimento da raça-líder são robustas, mas não foram em absoluto projetadas para suportar os acessos de irritação de algumas das espécies aliadas. O pseudoinsetoide de quatro metros de diâmetro e mais de uma tonelada de massa ronca num tom inquisitivo:

— O que uma nave estelar tão velha está fazendo neste sistema não catalogado? As presas decerto não possuem núcleos habitacionais aqui. — Diante da ausência de resposta, o octópode ondula as antenas num ritmo incerto antes de prosseguir. — No entanto, a Inteligência suspeita que os makenes talvez tenham instalado o projeto de uma nova arma neste sistema.

— Talvez os informes estejam desatualizados neste setor. Nossas sondas

não varrem esta vizinhança há milênios. De qualquer modo, viemos até aqui para verificar a questão. — O Carnívoro bípede rosna para a criatura maior, como que para lembrá-lo de seu lugar. O octópode encolhe os tentáculos cranianos, assumindo a postura ritualizada de submissão. Aparentemente satisfeito, o menor ordena. — Programe a nave para a manobra de interceptação e abordagem.

— Não há carnívoros racionais na natureza. Em todas as biosferas estudadas pelas civilizações da Liga, é a mesma história: animais tão bem adaptados ao estilo de vida de predadores simplesmente não precisam desenvolver o raciocínio. A seleção natural não incentiva um desenvolvimento que, afinal, seria desnecessário à sobrevivência de um predador.

Krezstul afirmou aquilo dando ênfase ao termo “natural”.

Eddie precisou aguardar alguns anos até que o mentor se dignasse esclarecer os pormenores da afirmação enfática anterior.

O makene narrou a história trágica de uma espécie humanoide já extinta, os dyzzoatis. Um povo que, tendo atingido seu apogeu científico e cultural cerca de cinquenta milênios humanos atrás, decidiu criar uma nova espécie racional através de técnicas de manipulação genética.

Dentre vários candidatos, os cientistas desse povo escolheram um animal predador extremamente astuto e agressivo, dotado de um potencial evolutivo formidável. Os rtzieks constituíam o ápice da cadeia alimentar do ecossistema terrícola da biosfera de um planeta pouco explorado, num sistema estelar distante.

Durante dezenas de gerações, os rtzieks foram geneticamente aprimorados por seus promotores orgulhosos. Os dyzzoatis não julgaram necessário extirpar as características agressivas do padrão comportamental rtziek. Alegaram que tal exclusão não poderia ter sido implementada, sob risco grave de alterar de forma danosa o processo de promoção evolutiva dos rtzieks à racionalidade. Após alguns milênios, os pupilos cruzaram o limiar da sapiência e continuaram progredindo. Passaram a assistir seus promotores em empreendimentos de grande envergadura e complexidade crescente. Com o passar das gerações, a relação de dependência foi se invertendo. A mão-de-

obra e a iniciativa rtzieks se tornaram essenciais à sobrevivência da cultura dyzzoati.

A civilização dyzzoati já havia se tornado uma estrutura decadente, mantida de pé quase que exclusivamente pelo esforço rtziek, quando a espécie Carnívora decidiu reivindicar um privilégio apenas oferecido aos cidadãos da espécie promotora: exigiram que os geneticistas dyzzoatis desenvolvessem técnicas capazes de deter o avanço da senescência em organismos rtzieks.

Bastante pressionados por uma decisão da assembleia da Liga das Espécies — onde muitos representantes condenavam abertamente há vários séculos a simbiose dyzzoati-rtziek, por temerem a possível explosão demográfica de uma espécie tão agressiva pelos setores conhecidos da periferia — os promotores se negaram a atender a reivindicação.

Em retaliação à recusa dyzzoati, os rtzieks perpetraram algo para o qual não houvera precedente nas histórias das espécies racionais conhecidas. Declararam guerra total aos dyzzoatis e os exterminaram com relativa facilidade no decorrer de poucos anos. Pouparam apenas alguns poucos cientistas. O genocídio se deu diante de uma Liga horrorizada e impotente ante a celeridade dos eventos.

Muitos veículos estelares atenderam aos pedidos desesperados de socorro lançados a partir de sistemas habitados por dyzzoatis e rtzieks. Naves das espécies humanoides pertencentes à Liga e mesmo alguns vasos de povos alienígenas não-humanoides enxamearam em torno dos sistemas dominados pela espécie Carnívora. A grande maioria desses veículos foi abatida pelas baterias de canhões multilásicos pesados, instaladas às pressas em estações orbitais dyzzoatis, ou rechaçada pela incipiente, mas belicosa e bem treinada Armada Rtziek.

O genocídio dyzzoati foi só o começo.

Civilizadas e pacíficas, as espécies da Liga não estavam em absoluto preparadas para a onda de barbárie avassaladora que se abateu sobre suas culturas.

Os geneticistas dyzzoatis cativos foram forçados a realizar manipulações nos genes de outras espécies de predadores irracionais. Animais tão agressivos e mortíferos quanto os antepassados dos rtzieks. Após cento e cinquenta anos de labor, os rtzieks se declararam satisfeitos. Não precisavam mais dos últimos promotores, portanto, deram cabo dos últimos indivíduos da espécie que os criara. Graças ao trabalho desses últimos remanescentes, os

rtzieks se tornaram eles próprios progenitores. Um milênio mais tarde, havia não uma, mas sete espécies Carnívoras à solta na periferia galáctica.

Sete espécies Carnívoras contra os quase setenta povos humanoides da Liga. Sim, porque os rtzieks e suas raças vassalas haviam decidido que, numa primeira etapa, eliminariam a Liga.

Aparentemente, a vantagem inicial residira com os makenes e demais humanoides, Eddie considerou. Afinal, qualquer espécie humanoide da Liga possuía uma população maior do que a soma de todos os indivíduos das sete estirpes Carnívoras. Dispunham ainda de uma tecnologia em média bastante superior a do Inimigo, uma vez que os dyzzoatis não haviam constado entre os povos de ciência mais avançada.

Faltava-lhes, entretanto, o vigor e a persistência dos Carnívoros. Algo que o humano definiu para o mentor como “a estamina do macaco assassino”. O ímpeto monomaníaco do predador, capacidade ímpar do Inimigo de transformar espécies de tecnologia mais sofisticada, algumas com mais de um milhão de anos de história documentada, em presas fáceis da sanha de destruição de suas Armadas.

Os primeiros milênios da Guerra Natural foram os mais terríveis.

Naquela época, a maioria dos povos humanoides decidiu que deveria alterar radicalmente seus estilos de vida, as filosofias de suas culturas e até suas maneiras de pensar, a fim de adaptá-las ao desafio da sobrevivência representado pelos Carnívoros. Não foi fácil. Algumas espécies somente a duras penas lograram fazê-lo. Outras, atualmente extintas, tentaram estabelecer uma paz em separado com os rtzieks. Enquanto outras, ainda, tentaram mudar, mas fracassaram nesse intento, ou desistiram no meio do caminho, decidindo que não valia a pena.

Ao fim do segundo milênio de conflito, as taxas de natalidade elevadas dos Carnívoros tornaram a superioridade numérica da Liga um fator irrelevante. Ainda que os rtzieks e seus aliados não tivessem conquistado a imortalidade ansiada, procriavam com a velocidade característica dos predadores que dispõem de caça farta.

Além disso, os Carnívoros — machos, fêmeas e filhotes — são guerreiros natos. Nutriam um ressentimento profundo pelos humanoides, advindo do fato de terem sido condenados a existências efêmeras. Julgam que as civilizações da Liga das Espécies constituem suas presas naturais. Numa forma cruel de darwinismo em âmbito galáctico, os Carnívoros sempre repudiaram todas as

propostas de armistício, argumentando, com uma lógica toda própria, que presas e predadores devem cumprir seus papéis pré-definidos, exatamente como na natureza.

As espécies Carnívoras estabeleceram formas de governo descentralizadas. No entanto, todos os clãs lutam em prol do objetivo comum de predação das culturas humanoides até a extinção. Alguns clãs estão radicados há milhares de anos em superfícies planetárias, fabricando armamento e material bélico em geral. Existem clãs de pesquisadores, residentes em arsenais orbitais gigantescos, instalados ao redor de estrelas de nêutrons, desenvolvendo tecnologia militar cada vez mais avançada. Os clãs mais temidos são os que tripulam as esquadras-nômades, entidades autossuficientes que fustigam as fronteiras das civilizações da Liga, penetrando, por vezes profundamente, nos territórios humanoides para sitiarem ou destruir uma determinada base ou planeta situado num sistema estelar mais vulnerável.

No quinto milênio do conflito, a situação atingiu um ponto de equilíbrio.

O problema é que as espécies humanoides não são agressivas por natureza e, portanto, não conseguem lutar diretamente contra as Armadas espaciais ou contra os exércitos planetários dos Carnívoros. Mesmo assim, suas tecnologias superiores proporcionaram a criação de diversos sistemas e mecanismos de defesa eficientes. Sondas automáticas patrulham as fronteiras. Armadas guarnecidas por robôs de confecção simples conquistaram vitórias em batalhas importantes. Contudo, segundo o make-ne, embora as máquinas autoconscientes complexas possam ser ensinadas a utilizar conhecimentos estratégicos e sistemas táticos, não aprendem a ser agressivas e tampouco desenvolvem denodo e espírito de luta, porque seus criadores não sabem como lhes transmitir tais conhecimentos.

Numa certa ocasião, Eddie comparou a situação atual da Liga das Espécies à do Império Romano do século III. Uma estrutura social ainda pujante, mas com as fronteiras sujeitas a invasões periódicas de tribos bárbaras. Uma civilização ainda vigorosa sobre a qual pairava a ameaça constante de destruição vinda do exterior. Krezstul resmungou algo ininteligível. Provavelmente, um palavrão que sua memória infalível resgatou de algum idioma semita esquecido. Em seguida, afirmou que algum dia ainda conversariam sobre a Queda do Império Romano Ocidental.

O gerente-de-bordo alerta Krezstul num tom nervoso sem precedentes, pois a consciência artificial normalmente se expressa com voz simpática e agradável:

“Veículo estelar alienígena acaba de se materializar a menos de um segundo-luz de distância!”

O historiador makene sente os pelos se eriçarem. O velho instinto de fugir para se afastar da ameaça iminente, ocultando-se num sítio remoto qualquer. Há vários milênios não sente com tanta intensidade o tremor que lhe acomete agora. Recobra-se devagar. Logra esboçar um sorriso amargo, ao pensar que se julgou suficientemente humano a ponto de ter superado esse comportamento atávico.

O gerente interpreta os dados coligidos pelos sensores da nave. O veículo recém-chegado é um vaso de reconhecimento de longo curso, de projeto rtziek:

“ Veículo inimigo rumando direto para cá em curso de interceptação. Sua velocidade impossibilita que se cogite a implementação de manobra evasiva. Distância zero em vinte e sete segundos.”

— Salte para o hipercontinuum!

“Impossível. Tripulante não se encontra em estado de animação suspensa. Manobra sugerida implica risco de vida severo para o tripulante.”

— Proceda conforme o ordenado. Nas circunstâncias presentes, sou dispensável. Rume para a base makene mais próxima e apresente seu relatório.

“Negativo. A segurança da tripulação tem precedência de prioridade sobre a ordem emitida.”

O makene murmura um palavrão em latim clássico. Humanos jamais introduziriam diretivas tão estúpidas na pré-programação das inteligências artificiais incumbidas do controle de seus veículos estelares. Agora, se ele for capturado, talvez os humanos jamais tenham oportunidade de construir seus veículos estelares...

Suspira, desanimado. Os termorradares do veículo Carnívoro detectaram-no pela emissão de partículas de antimatéria do propulsor que o gerente colocou em *stand-by*.

O vaso de reconhecimento é bem menor do que a nave estelar makene.

Compensa esse tamanho reduzido com uma capacidade de aceleração bem maior e um sistema de armas mais moderno e, sobretudo, mais mortífero.

“ Manobra de interceptação concluída. Veículo inimigo se encontra presentemente atracado em nosso casco. A tripulação Carnívora parece prestes a iniciar operação de abordagem.”

Quase dois meses se passaram desde a partida de Krezstul.

O sono de Eddie foi perturbado uma vez mais pelo pesadelo recorrente da crucificação.

No topo da colina baixa, três figuras esqueléticas e abatidas pendem de mãos e pés pregados em grandes cruzes de madeira. Ao contrário do que as crendices populares advogaram pelos séculos afora, o holo gravado por microsondas makenes exibe três humanos pregados nas cruzes em posição normal, com as cabeças apontadas para cima. Legionários romanos mantêm a multidão sob controle. Só agora Eddie presta atenção aos detalhes: o indivíduo da cruz central, colocada em posição de destaque entre as outras duas, não é humano. Seus braços, tórax e cabeça são hirsutos como os de um chimpanzé, só que com pelagem rubra. Os olhos possuem íris alaranjadas imensas, ocupando todo o espaço entre as pálpebras semicerradas.

Como aconteceu nas versões anteriores deste mesmo pesadelo, acorda coberto de suor. Abana a cabeça, como que para espantar essa reprodução fantasiosa. Pois o disfarce de Krezstul fora perfeito, indistinguível de um ser humano genuíno.

Senta-se no leito, inteiramente desperto na penumbra do aposento que escolheu no piso residencial da base. O complexo foi instalado a meio quilômetro de profundidade, nos sertões do planalto oriental do continente sul-americano, a poucos quilômetros de uma das nascentes do rio Araguaia.

O novo guardião da Liga não se considera crente e tampouco ateu. Como a grande maioria da população humana em todas as regiões habitadas do Sistema Solar, Eddie professa desde a adolescência uma forma branda de agnosticismo.

Ainda assim, julga que o makene exorbitou ao assumir o papel histórico de Jesus Cristo.

Concorda que o Império Romano precisava ser desestabilizado a fim de permitir que os ventos do progresso varressem a Europa Ocidental uma vez mais, pois, caso contrário, uma das alternativas indesejáveis de alta probabilidade consistia no estabelecimento de um Estado Romano Mundial. Mesmo assim, em sua opinião, engendrar o cristianismo não foi uma atitude honesta, tampouco uma solução efetiva, conforme se comprovou mais tarde.

Não possui nem de longe a experiência do antecessor na manipulação da história humana. No entanto, crê que deve ter havido outros meios ao alcance da Liga para solapar as bases da cultura romana. Métodos que, se não tão fáceis, pelo menos teriam sido mais éticos e elegantes.

Krezstul se referia modestamente à personificação de Jesus como “meu papel histórico mais importante”.

Toda aquela baboseira sobre os milagres foi ridiculamente simples de implementar com o auxílio da tecnologia make-ne. Além disso, como Eddie bem sabe, o mentor sempre foi um aficionado das religiões humanas. Ao menos, seu desempenho como Sidharta Gautama foi mais discreto e convincente. Mais honesto também. A introdução do budismo na Índia já não causa mais espanto ao guardião humano. Afinal, como Budha, Krezstul tão somente postulou uma versão simplificada dos fundamentos básicos de uma das doutrinas existenciais make-nes.

O guardião é interrompido em suas divagações religiosas pelo vínculo telepático, possível graças ao implante de um microtransceptor em seu neocórtex:

“A nave auxiliar do veículo de Krezstul acaba de ingressar na atmosfera. Estou recebendo o sinal codificado com a solicitação de acesso à base.”

Os músculos dos ombros do humano se enrijecem. Esse retorno intempestivo está completamente fora dos planos. Algo saiu errado.

— Estabeleça contato com ele.

“Não responde. A conexão automática com o gerente de bordo não se encontra operacional. Foi desabilitado por alguém a bordo do veículo.”

— Alguém?

“Krezstul não saberia como impedir o gerente de falar comigo.”

— Está sugerindo que a ligação com a IA de bordo tenha sido propositadamente sabotada?

“Correto. Outra hipótese é que o gerente tenha sido de alguma forma proibido de se comunicar com a base. A automonitoração e os sistemas de

redundância eliminam a possibilidade de qualquer falha técnica.”

Eddie se sente um idiota rematado por ter indagado o óbvio. Conhece bem a tecnologia makene. Seus artefatos são absolutamente à prova de falhas.

— A nave se encontra estruturalmente intacta?

O programa-mestre não responde de imediato. O humano imagina-o esquadrinhando o veículo makene com os dispositivos de rastreamento ao seu dispor. Após a longa pausa de poucos segundos, informa que não há danos perceptíveis.

— Muito bem. Acesso autorizado. Libere o ingresso pela plataforma do hangar principal. Sele as eclusas e não deixe ninguém, nem mesmo Krezstul, passar pela escotilha interna da cidadela sem minha ordem. Entendido?

“Afirmativo. Um makene jamais agiria assim.”

O programa-mestre que gerencia o funcionamento da base por vezes exibe um senso de humor sutil. O fato é que o tom da última afirmação soou elogioso dentro da mente do guardião. Com uma fração diminuta da consciência, percebe que o elogio contribuiu para elevar seu moral. O mais importante, no entanto, é que o comando foi prontamente aceito, mesmo diante da hipótese de desobedecer as ordens de um makene.

— Outra coisa. Há algum meio de desabilitar os sistemas de propulsão da naveta assim que ela efetuar o pouso?

“Essa desabilitação dependerá da anuência do gerente de bordo. Embora não-comunicativo, essa I.A. se encontra decididamente operacional. Ante as circunstâncias, não creio que se oponha ao procedimento.”

Eddie sente que está tomando decisões em modo lógico e automático. Não precisa ponderar a respeito do que é preciso fazer. Não pairam dúvidas quanto aos próximos passos a serem tomados.

— Mais um pedido. Seria possível inundar o hangar com alguma forma de gás paralisante de amplo espectro de ação?

O programa analisa a questão durante pouco mais de um segundo. A resposta é concedida num tom francamente respeitoso, que Eddie jamais ouviu antes:

“Embora não constitua uma técnica defensiva ortodoxa, a estratégia é viável.”

— Exatamente como lhe disse, honorável progenitor. — Bem humorado, o globt acena com os tentáculos cranianos. — Bastou que ameaçássemos a presa makene e o computador de bordo voltou a se mostrar cooperativo.

— Eu sei. — O rtziek agita a crina espessa, num sinal claro de impaciência. O outro Carnívoro já repetiu essa última afirmação dezenas de vezes nos últimos três dias.

A atitude adotada pela máquina serve apenas para confirmar os papéis de presa e predador. Diante de uma metralhadora ultrassônica apontada para o crânio do makene, a biomáquina que controla a nave decidiu mostrar seu lado razoável, revelando-lhes a localização do link automático. O pseudoinsetoide octópode destruiu o equipamento cautelosa e metodicamente, a fim de evitar infligir danos desnecessários ao computador propriamente dito.

Com uma ameaça semelhante, vinte e dois dias mais tarde, obtêm o código de acesso à base planetária.

Rumaram para o interior do sistema, numa velocidade excruciantemente lenta para os padrões Carnívoros, a fim de eliminar a possibilidade de detecção por parte dos humanos. Embora impacientes, ambos concordaram com a presa e sua máquina quanto ao acerto dessa tática em particular.

O makene jaz desacordado no piso do centro de comando espaçoso de seu veículo. A nave rtziek foi docada no hangar do veículo maior, ao lado da nave auxiliar.

O ferimento no topo do crânio do humanoide volta a sangrar, empapando-lhe a pelagem rubra.

— Seu mestre se recusou a falar, mas você o fará. — O rtziek articula num makene formal e pausado. — Para o bem dele. Quantos makenes existem na base?

— Nenhum.

Os dois Carnívoros se entreolham. Por experiência, sabem que o programa não lhes ousaria mentir. Os rtzioks e seus aliados já praticaram caçadas desse gênero anteriormente.

O rtziek prossegue com o interrogatório:

— E quanto aos autóctones primitivos? São aliados dos makenes?

— São humanos. — Os dois Carnívoros ouvem a inteligência artificial se manifestar no idioma de seus criadores. — Desconhecem tanto a existência dos makenes quanto a dos rtzioks.

— Serão capazes de detectar a presença desta nave, agora que nos

pussemos em órbita ao redor de seu mundo mais populoso?

— Não dominam as técnicas de detecção necessárias para superar meus sistemas de camuflagem.

— Se as criaturas autóctones ignoram a presença dos makenes, trata-se de uma base secreta, certo?

— Exato.

— Os planos da nova arma que os makenes estão desenvolvendo se encontram no interior dessa base lá embaixo?

— Somente uma parte minúscula dos mesmos.

A criatura octópode se ergue nas quatro patas traseiras, roncando de alegria:

— Um mecanismo de disparo, portanto.

— Talvez faça sentido designá-lo assim.

Rtziek e globt se fitam. Satisfeito, o alienígena de aspecto felino ondula a crina, ao externar sua decisão:

— Desceremos no veículo auxiliar makene. A presa capturada seguirá conosco como refém. Desembarcaremos tão logo pousarmos.

“A escotilha externa está se abrindo.”

Eddie não necessita do vínculo paratelepático com o programa-mestre para perceber o óbvio. O hangar foi inundado com gás anestésico e permanece às escuras. O capacete do traje makene feito sob medida possui visores infravermelhos. Com um movimento cauteloso, agachado atrás de uma empilhadeira, destrava a pistola laser de fabricação humana.

A arma foi a única concessão de Krezstul ao que classificou como paranoia belicista primata. Eddie sorri em silêncio. A precaução acabou se revelando útil, afinal.

Um vulto indistinto se esgueira com passos elásticos pela escotilha aberta. Olha em torno e volta a cabeça para o interior do veículo.

— Foi uma boa ideia termos nos lembrado de envergar nossos trajes espaciais. — O vulto se expressa no idioma de rosnados guturais dos rtzieks.

— Segundo os indicadores do capacete, estou imerso em gás paralisante.

— Muito espertas, essas bases makenes! — O globt move o corpanzil

rampa de desembarque abaixo, ainda mais volumoso em seu uniforme estanque.

“O menor é um rtziek. O maior deve ser um globt. Como você previu, estão trajando uniformes espaciais selados.”

Eddie sente os pelos da nuca se arrepiarem. Os Carnívoros anteciparam seu estratagema com facilidade. Só lhe resta enfrentá-los pessoalmente. Um humano pouco versado em combates pessoais, contra dois guerreiros experimentados.

Começa a suar de nervoso dentro do traje hermético. Numa resposta equivocada, o sistema de manutenção de vida da vestimenta diminui a temperatura em seu interior. Eddie é acometido por novos arrepios. Agora de frio.

A criatura maior aponta um dos tentáculos cranianos em direção à empilhadeira. O rtziek assente com um rosnado. Antes mesmo do programa-mestre confirmar sua detecção, Eddie intui que terá que agir logo, antes que seja tarde.

Espera que o globt se aproxime. Quando o Carnívoro maior dista uns poucos passos, salta e dispara sobre ele. O feixe de radiação invisível atinge o capacete do inimigo explodindo-o. o globt ronca num tom grave e recua em seu cambalear esquisito de octópode. Em poucos segundos estará sob efeito do gás.

O rtziek pula para o lado e saca a metralhadora do coldre da pata traseira. Os reflexos do Carnívoro parecem incrivelmente rápidos aos olhos do humano. Eddie torna a se ocultar atrás da empilhadeira quando o inimigo dispara. Percebe que se trata de uma arma sônica. A frente de onda atinge em cheio a máquina, que começa a vibrar violentamente. Pequenas farpas de plástico metalizado se desprendem da carcaça.

“Fuja do hangar, Eddie! Não há a mínima chance de enfrentar o poder de fogo de uma metralhadora ultrassônica com um laser portátil.”

— Entendido. E o grandalhão?

“ Inconsciente, sob a ação do gás. Acenderei todos os refletores do hangar. Isto deverá ofuscar o rtziek por um ou dois segundos. Será a sua chance de correr para a escotilha. Vou selá-la bem atrás de você.”

Pisca uma vez o olho direito, programando os visores para a luz solar. Quando o programa-mestre o instiga, levanta-se e corre em direção à saída. No mesmo instante, o hangar fulge como um palco iluminado. O rtziek rosna,

irado e confuso, tentando proteger os olhos com a pata livre. Dispara a esmo em direção às passadas que se afastam.

A frente de onda sonora não atinge o humano em cheio. Mesmo assim, este é arremessado com violência contra a antepara próxima à escotilha.

Lutando contra o torpor da inconsciência, arrasta-se sob o portal aberto. Mal o atravessa e a porta blindada desce com um chiado agudo. Senta-se com as costas apoiadas da antepara do corredor. Esbaforido, recobra o fôlego devagar.

O Carnívoro golpeia a escotilha cerrada com as patas. Seus rosnados de frustração são parcialmente abafados pela blindagem.

“Eventualmente demolirá a escotilha com disparos seguidos da metralhadora. Só que isto ainda levará alguns minutos. Será relativamente fácil abatê-lo quando ele enfim cruzar o portal da escotilha arrombada.”

— Minha pistola! Deixei minha pistola cair dentro do hangar!

O programa-mestre mergulha num silêncio sepulcral.

Não é para menos. Resta apenas um humano, sozinho e desarmado, entre o guerreiro rtziek e o fracasso de um plano que a Liga das Espécies já vem desenvolvendo há mais de vinte milênios.

O guardião procura desviar sua atenção da certeza da morte iminente.

— Preciso de uma arma. Deve existir algo, em algum lugar desta base, que possa ser utilizado como arma.

“Existem armas de fabrico humano na Sala de Troféus. Contudo, não creio que sejam de alguma valia na situação presente.”

Eddie se vê obrigado a concordar com o programa residente na biomáquina. Já passou milhares de horas estudando os tesouros armazenados na Sala de Troféus. Há uma pletora de armas por lá. Lanças neandertais; clavas e tacapes neolíticos; sarissas da infantaria das falanges macedônias; gládios romanos; *broadswords* medievais; bumerangues das tribos aborígenes da Austrália; escudos de procedências e formatos diversos; armas de fogo ainda operacionais, cuidadosamente lubrificadas, mas sem munição; e muito mais. Nada realmente capaz de derrubar um soldado rtziek protegido sob um traje espacial de combate.

— Os robôs da base obedeceriam as minhas ordens para atacar o invasor?

— Já conhece a resposta. Perguntou por mero desespero de causa.

“Estão programados para tarefas rotineiras de manutenção e limpeza. Só acatariam ordens de combater uma criatura orgânica após uma

reprogramação completa. Posso implementá-la, mas levará horas. Julgo que não dispomos de tempo para tal.”

Eddie franze a testa com expressão tristonha. Os robôs da base são máquinas complexas e seus processos de reprogramação são lentos e redundantes. Absolutamente à prova de falhas. Os makenes não necessitam reprogramar suas máquinas com frequência. Uma pena, pois alguns dos robôs mais parrudos seriam capazes de enfrentar o operativo rtziek sem maiores dificuldades.

“ A propósito, deverá sentir um pouco de calor nos próximos minutos. Estou elevando nossa temperatura ambiente para 36,5 °C. Espero que não se importe.”

— Tudo bem. — Eddie não nutre grandes esperanças neste arдил. Impedir o inimigo de se valer de seus sensores infravermelhos pode até retardá-lo, mas não evitará que ele o encontre.

Na Sala de Troféus há também diversos arcos e bestas em perfeito estado de conservação, bem como várias aljavas repletas de setas.

Antes de travar conhecimento com Krezstul, Eddie foi campeão universitário de tiro com besta medieval. Só que aquilo se dera há pouco mais de duzentos anos.

Não crê que uma simples seta possa abater o Carnívoro. Feri-lo ligeiramente, talvez. Irritá-lo, com certeza. Isto, se tiver sorte num primeiro disparo. Porque não crê que terá oportunidade de disparar uma segunda vez.

Será melhor, contudo, enfrentar a morte de frente, do que aguardá-la tremendo como um coelhinho assustado. Além disso, a Sala de Troféus é um sítio tão bom para morrer quanto outro qualquer da base makene. Fosse ele um guerreiro de uma das antigas civilizações humanas que fabricara os artefatos bélicos expostos aqui e teria considerado este como o único local honroso para se defrontar com a morte que se aproximava com os passos ágeis de um rtziek.

Com um urro de triunfo, o rtziek consegue afinal pôr abaixo a escotilha do hangar. Desconfiado, examina o mostrador do radar de movimento verdadeiro embutido em seu traje. Não vê nada se movendo em sua cercania imediata.

Sinal algum do nativo traiçoeiro que tramou a emboscada no hangar.

Após verificar que o subordinado octópode se encontra apenas desacordado, atravessa o portal onde a escotilha lhe barrara a passagem até há pouco. Empreende uma busca sistemática pelo corredor comprido que conecta o hangar ao núcleo da base. Todo o seu corpo pulsa com uma sensação de júbilo quase incontável. O predador inicia mais uma caçada.

No entanto, o semiêxtase irrompe mesclado com um sentimento de inquietação. A mera ideia de humanoides emboscando Carnívoros faz com que suas vísceras borbulhem de indignação. O conceito lhe parece tão fora de esquadro que sente dificuldade em absorvê-lo por inteiro. Uma anomalia que periga provocar uma reviravolta em suas concepções de certo e errado. Agora, contudo, as coisas voltaram aos seus devidos lugares. Reassumiu seu papel de Caçador. Tal mudança de atitude o tranquiliza bastante. Sua presa, como toda presa humanoide, esconde-se, tomada pelo pânico ancestral.

No encalço do humanoide autóctone, examina boa parte da base makene. Constata a presença de uma quantidade imensa de informações valiosas para a Causa. Conquanto relevante, decide deixar tais conhecimentos para mais tarde. A caçada em primeiro lugar.

Por enquanto, nem sinal da presa. Os termorradares não indicam a mínima pista.

Mantém a metralhadora ultrassônica destravada. Sua garra tamborila ritmicamente no disparador, quando o bipe intermitente atrai sua atenção para a tela minúscula do radar MV no interior do capacete.

Ronrona num tom quase inaudível, denotando um sentimento de deleite próximo ao êxtase. A presa, afinal.

Com um salto ágil, ingressa no aposento onde o nativo se abrigou.

Em menos de um décimo de segundo identifica com segurança a forma ajoelhada como aquela que lhes preparou a cilada no hangar.

A criatura desajeitada fez uma fogueira pequena sobre a qual parece aquecer uma quantidade diminuta de fluido viscoso com odor pronunciado no interior de uma tigela de argila. Mexe o caldo grosso com a extremidade de uma vareta de madeira.

Embora sinta a curiosidade despertada pelo ritual inoportuno, mira a metralhadora contra o nativo.

O guardião levanta os olhos da tigela para fitar o Carnívoro:

— Peço-lhe apenas mais uns instantes, predador.

A presa não só articula o idioma makene, como emprega a forma de etiqueta correta. O rtziek não se surpreende. Questões dessa alçada serão analisadas por oficiais da Inteligência, operativos que pretende convocar tão logo conclua a missão de campo presente.

Não logra interpretar as expressões faciais da criatura autóctone. No entanto, algo lhe diz que a mesma não aparenta o pânico característico das presas racionais encurraladas.

Verificando que o nativo se encontra desarmado, concede-lhe essa última mercê. Desde os primórdios, os Caçadores sempre procuraram respeitar os costumes e os rituais de suas presas racionais. Assim rezam as tradições de sua estirpe. Há aqueles que, mesmo hoje em dia, professam a crença de que uma atitude benevolente desse tipo concede ao Caçador mais poder sobre a presa.

— Não se demore muito, nativo. — O rtziek concede num makene firme e seguro.

O humanoide retira a vareta da tigela e a encaixa num mecanismo de madeira curiosamente provido de uma mola grossa e um cabo de aço retesado. Levanta o dispositivo até a altura da cabeça e, ainda de joelhos, mira-o contra o Carnívoro. Este não se mostra impressionado. No fundo, já esperava por algo do gênero. O cerimonial primitivo visa, provavelmente, amaldiçoar seu espírito por toda a eternidade. Após uma avaliação sumária, sente-se seguro de que o artefato estranho é incapaz de lhe infligir danos.

— Não vou demorar mais, seu filho-da-puta! — Eddie dispara a besta.

A ponta de ferro da seta penetra menos de um centímetro no ombro do rtziek. O material flexível e resistente do traje de combate absorve a maior parte do impacto. No entanto, o urro enfurecido do Carnívoro indica que foi ferido pela ponta aguçada dessa seta, forjada na Inglaterra há mais de um milênio.

— Maldito humanoide desleal! Esse artefato ridículo é tão mortífero quanto a picada de um inseto.

O guardião se ergue devagar. Fita o alienígena maciço nos olhos amarelados. *Preciso ganhar tempo!* Tenta emprestar à voz o tom mais casual possível:

— O que vocês fizeram com o makene?

— Asseguro-lhe que ele gozará de uma sorte bem melhor do que a sua. Será levado como prisioneiro e interrogado por nossos psicólogos. — O

Carnívoro começa a sentir uma dormência suave no ombro atingido. Sem pensar duas vezes, passa a metralhadora para a outra pata. Invadido por uma calma profunda, ergue a arma para fazer a mira, mas seus olhos não conseguem se fixar no humanoide. Atordoado, rosna em seu próprio idioma:

— Que ardil sujo você empregou desta vez, criatura vil? Meus visores... embaçados...

Dentro de sua mente, Eddie ouve o tom animado do programa-mestre:

“O curare está surtindo efeito sobre o organismo do rtziek.”

— Como supusemos que ocorreria desde o início.

Depois que o rtziek tombou, paralisado, Eddie se sente mais velho e cansado do que o antigo mestre. Então recorda as palavras do makene, quando afirmou que ele e o programa-mestre ainda formariam uma dupla excelente.

Com o crânio enfaixado em compressas orgânicas, Krezstul ingressa duas horas mais tarde na Sala de Troféus. Já recebeu o relato sumário da situação, preparado pelo programa-mestre. A entidade comenta em tom casual que um makene jamais teria pensado em solucionar a crise daquela forma.

O importante é que não há mais Carnívoros vivos no Sistema Solar...

Durante o percurso, da enfermaria até a Sala de Troféus, caminha ladeado por seis robôs da base. As biomáquinas foram reprogramadas com novas rotinas criadas especialmente por Eddie e pelo programa-mestre. Agora só obedecem ao novo guardião. Krezstul descobre a mudança quando um dos robôs ignora sua ordem para largar a bazuca-laser de fabricação globt que carrega sem dificuldade.

Circunspecto, o humano agradece ao historiador makene por ter mantido o recipiente de curare em bom estado de conservação. Então prepara o espírito do mestre e amigo para que esse não se impressione demasiado ante o estado do cadáver do rtziek. Mesmo assim, o makene julga impossível ignorar o estômago embrulhado pelo espetáculo sangrento.

A camada espessa de plástiaço transparente do capacete do Carnívoro foi arreventada, ao que tudo indica, pelo golpe da clava pesada de cabo de costela de mamute, que jaz próxima ao corpo. O peso de pedra aguçada atado

na extremidade do artefato está manchado de sangue fresco coagulado.

Há uma lança da Idade do Ferro alojada na garganta do alienígena num ângulo enviesado, atravessando o grande rombo que o impacto da clava provocou no capacete. A lança foi cravada com uma força tão grande que logrou atravessar o pescoço grosso do Carnívoro e se fixou no piso de tábua corrida do aposento. No ar, misturado ao cheiro horrível do sangue do cadáver, o makene percebe o aroma amargo e pungente do curare. A ponta da seta ainda se encontra espetada no ombro do rtziek, embora sua haste se tenha partido.

Mais tarde, quando indagado sobre se houve necessidade real dessa chacina brutal, o guardião humano alegou não poder garantir a intensidade do efeito da droga paralisante sobre o organismo rtziek. Não cogitou a hipótese a manter o rtziek vivo para interrogatório. Não assumiu riscos. Contrariado, Krezstul se vê tristemente forçado a concordar com a lógica das decisões do sucessor.

— E quanto aos restos do globt, calcinados no hangar?

Eddie afirma ter empregado a pistola laser. Não conhecia a fisiologia do inimigo, seus pontos vitais e poderes de recuperação. Precisava se assegurar de que o mesmo não representaria ameaça futura à humanidade.

O makene estremece. Os Carnívoros acabaram de topar com um inimigo à altura. Perspicazes, determinados, implacáveis. Inimigos enrijecidos por milhares de anos de guerras intraespecíficas.

Dentro em poucos séculos, a Liga das Espécies pretende liberar os humanos na periferia para enfrentar os Carnívoros. Para cumprir essa missão militar de longo curso, receberão conhecimentos científicos e recursos tecnológicos das culturas humanoides mais amadurecidas.

Depois do que viu na base e do que o programa-mestre lhe descreveu, não nutre a menor dúvida quanto ao êxito do projeto.

Eddie, seu amigo e discípulo durante vários séculos, parece mudado. Tem conversado com o programa-mestre sobre a aplicação de técnicas de combate tipicamente humanas contra os clãs Carnívoros, numa escala interestelar. Juntos, humano e programa makene começam a aventar hipóteses de guerrilha planetária em mundos de colonização Carnívora, onde a população civil poderia ser tomada como refém. Outra ideia que surgiu há pouco foi a do genocídio através da disseminação proposital de vetores viróticos e bacteriológicos, cujas letalidades seriam incrementadas

geneticamente. Há ainda outras técnicas de destruição em massa mais terríveis, nas quais o make ne prefere não pensar.

Os Carnívoros não terão a menor chance contra esses primatas sanguinários. Serão inexoravelmente varridos da espiral galáctica.

Com o auxílio valioso da humanidade, a Liga das Espécies conquistará a vitória definitiva na Guerra Natural. Não apenas sobreviverão, mas vencerão este conflito multimilenar.

E ele, Krezstul, com o seu trabalho, será considerado um dos maiores responsáveis por essa vitória.

Contudo, resta uma preocupação que não logra apaziguar: que destino os humanos reservarão aos seus aliados humanóides, depois que os últimos clãs Carnívoros forem exterminados?

Gerson Lodi-Ribeiro publicou as noveletas na Asimov's brasileira: "Alienígenas Mitológicos" e "A Ética da Traição". Autor das coletâneas *Outras Histórias...*; *O Vampiro de Nova Holanda*; *Outros Brasis*; *Taikodom: Crônicas* e *As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, e dos romances *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*; *A Guardiã da Memória* e *Aventuras do Vampiro de Palmares*. Criador do universo ficcional *Taikodom*. Antologista de *Phantastica Brasileira*; *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*; *Erótica Fantástica 1*; *Vaporpunk*; *Dieselpunk*; *Solarpunk* e *Super-Heróis*.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

VIVO. MORTO. X.

Érica Bombardi

— Droga de joelho.

Pisei em falso e quase caí. Desde o acidente não era mais o mesmo. Gostava de correr, andar de moto, zoar com o pessoal. A mãe disse que terapia não me faria mal. Vou ao consultório da Dra. Maria da Penha duas vezes por semana. Ia três, mas ela diminuiu as sessões, segundo ela eu estava me recuperando bem. Bem o caralho. Ela é que enjoou de me escutar. E olha que eu nem vou comentar sobre aquela vez em que ela trancou a porta e disse que tínhamos 40 minutos apenas.

Pensei que ia rolar mais vezes. Sou um ingênuo, como ela e a mãe repetem. Não sou. Sou um besta mesmo.

Terapia alguma iria reconstruir ligamentos partidos, nem pagar a prótese no joelho. Se não fosse aquela merda de carro na contramão, eu não teria acabado com minha Shadow. Eu nem tinha bebido tanto, a Márcia me deu o fora e eu estava indo direitinho pra casa. Sóbrio, mas puto da vida. O Daniel me deu um toque, para eu terminar o namoro, ela não prestava. Não imaginei que era o filho duma puta quem estava comendo ela.

Chegou uma hora que cansei de falar do acidente, do joelho, da moto novinha, da Márcia, da mãe. Minha terapia é rodar de *skate* uma noite por semana e deixar a criatividade me guiar. Lógico que a mãe não desconfia. Ela acha que eu continuo a ir três vezes nas sessões. Para que alarmá-la? Ela parece mais tranquila e a Maria da Penha não reclama de receber o mesmo pagamento por menos sessões. Todos satisfeitos.

Voltei a rolar o *skate* no asfalto. Dei impulso com a perna menos fodida. Passava devagar pelas ruas escurecidas pelo crepúsculo. Hora mais besta. As luzes nos postes ainda não estavam acesas e a claridade do dia se ia com o sol poente.

O vento batia em meu rosto e gelava meu nariz. Meu cabelo estava solto, voando atrás de mim em um rastro negro.

Virei na rua Barcelona e dei de cara com uma placa. Desvio à esquerda. Brequei em frente a ela e chequei os arredores. Ninguém. Domingo morto.

Tirei a lata de *spray* da mochila e fiz um gesto grandioso com os braços, regendo minha orquestra invisível. Gestos grandiosos e trilha sonora são essenciais para o exercício saudável da criatividade. Joguei a cabeça para frente e a voltei para trás. Meus cabelos ricochetearam no ar. Nem a pau eu os cortaria. Iria trabalhar a vida toda em um bar de *rock* e encher os braços de tatuagens. Viva a sociedade alternativa.

Pressionei a válvula da lata e a tinta formou palavras luminosas. Agora, sim. Desvio à esquerda, seu babaca. Fiz questão do uso da vírgula. Sou um cara culto.

Basta ser atropelado uma vez para ver esses gênios do volante como realmente são, uns putas de uns assassinos. Meus inimigos a quatro rodas. Essa devia ser minha quarta ou quinta placa artística. Guardei a latinha, peguei o *skate* e dei um passo para trás para admirar meu trabalho. Puta orgulho.

Foi quando escutei a risada.

Não dei muita bola, apesar de sentir calafrios subirem pelas costas. Quer saber? Nem aí. Virei, curvei-me em um gesto de agradecimento e ri também.

Escutei de novo a risada.

Apurei os ouvidos para definir de onde vinham. Da praça, ali adiante. Era arborizada e por isso difícil de se ver algo nela no lusco-fusco. Mas estava ali. No banco. Ares de adolescente. Os pés sobre o assento, sentada em cima do encosto. Vestia algo justo e escuro, e acho que botas. Não tinha como eu não ir lá.

Atravessei a rua e fui direto até ela. Era mesmo uma garota, mais velha do que imaginei. Culpa da merda do crepúsculo e das sombras que desciam das árvores.

— Então, você é um artista?

— Van Gogh, a seu dispor.

— Van Gogh era um louco.

— Como sabe que não sou?

— A vírgula. Respeito isso.

— Guilherme de Alcântara.

— Você tem 6 anos? Parece uma criança na creche. Pedro Silva, Enzo Cruz, Luiza Endora.

— E seu nome?

— Eu tenho cara de quê?

Cara de quê não sei, mas os peitos... Pareciam caber na minha mão. Nem todo clichê é ruim. Ela tinha olhos grandes, maquiados de preto. Braços nus e torneados, unhas longas. A cintura era inacreditável de tão fina. Talvez ela tivesse removido cirurgicamente uma costela, como aquela atriz, sei lá o nome. E botas cano alto. O conjunto era perfeito para a ocasião.

— Não tem medo de perguntas perigosas? — Decidi provocá-la.

— Apenas curiosidade.

— Ana. Tem cara de Ana.

— Ana?

— Ana.

— E você, Guilherme de Alcântara, tem medo de quê?

— Sabe, Ana, sou do tipo destemido.

— E com senso de humor.

— A placa? Faz parte da terapia.

— Oh, oh, posso rever meu comentário sobre loucura?

— Não. Nada de segunda chance.

— Sério? Achei que vocês choramingassem sobre o leite derramado.

— Nem todos. E você, faz parte de qual grupo? Não é uma daquelas feministas, não?

— Adoraria ser, mas não me aceitaram.

— Malditas sapatas.

— Você precisa aprimorar seu filtro mental.

— Sem filtros, Ana. Apenas eu, você e a nossa placa.

— Você pode me culpar mais tarde, Guilherme de Alcântara, mas eu não posso evitar. Às vezes fico entediada. Espero pelo tipo certo. Todos precisam relaxar um pouco.

— Não posso concordar mais.

— Bom. Bom. Posso começar?

— Quando quiser, Ana. Eu nasci pronto.

Escutei os pneus e vi um carro virar a esquina mais rápido do que deveria. Ao passar pela placa grafitada, o motorista gargalhou. Os vidros estavam baixos, então pude escutá-lo. Quando passou pela nossa frente, vi seus olhos espremidos pela risada, boca aberta, dentes arreganhados. A mulher a seu lado gritou e ele puxou o volante, um gato cruzou. Maldita hora. O carro derrapou e rumou para o alto da praça, novo grito e o carro voou sobre a calçada e resvalou em uma árvore da praça. Girou e bateu, do lado do

motorista, em uma torre de metal presa ao chão. O estrondo foi o de um relâmpago, os postes de luz da rua acenderam e explodiram, um em seguida do outro, como se um demônio de fogo corresse pelos fios.

O barulho me sobressaltou e pulei no banco, agarrando o braço de Ana. Mal a toquei, afastei-me. Não que não fosse agradável, era. Toque de veludo, tal qual gato persa. Uma gata. Como eu dizia, não era desagradável, é que, não sei explicar, não era natural.

Ela me olhava. Esperando. Sem surpresa, sem medo. Aquele brilho nos olhos verdes.

— Vamos ajudar, Ana! Porra!

— Sem pressa.

Ela aguardava. O brilho. Aqueles olhos pareciam crescer, em silêncio. E o carro, por Deus. Tínhamos de ir lá e ajudar. A explosão veio da caixa de energia elétrica que eu não fazia ideia de que estava ali. As pessoas dentro do carro deviam estar feridas, muito feridas. Não escutava som algum vindo daquela direção.

— Porra!

Pulei do banco e ia até lá sem a merda da Ana. Teria ido se não escutasse a risada. Puta burra.

Não cheguei a abrir minha boca. Ela estava ali, sentada. Olhos imensos e amarelos. Eram verdes antes, eu podia jurar. Brincava com uma folha ao lado dela. A folha estava suspensa. Caíra da árvore, mas estava parada no ar, a meio caminho entre os galhos e o chão. Ela tocava e a folha girava, como se reverberasse em um lago.

— Que merda é essa? Que merda de truque é esse?

— Sem pressa. Arnaldo está morto. Clara tem sinais vitais mas não está em seu melhor dia.

— Quê?

— Tão jovens. A vida inteira pela frente. Um acidente tão bobo.

— Acidente? O carro derrapou, o cara era um cego. E naquela velocidade? E como ele perdeu o volante?

Calei a boca. Como ele perdeu o volante? A curva, o gato, a garota no banco do passageiro gritando, e o motorista rindo. Rindo da minha placa. Puta que pariu. Rindo da minha placa.

— Não foi minha culpa. Porra.

Ela me observava. O que ela esperava? Peraí, não era normal. Não era. Foi

ela. Ela tinha feito algo. Ela causou o acidente.

— Foi você. O que fez?

Ela sorria sem abrir a boca, sorriso de Mona Lisa. Os olhos, não, eles se transformavam nas sombras trazidas pela noite. Azuis. Antes verdes, depois amarelos, agora azuis.

— Qual o problema com seus olhos? Qual é seu problema?

— Gosto de seus cabelos.

— E o que tem isso a ver?

— E meus olhos?

— Foi você. O que é? Uma bruxa? Um demônio?

— Logo virão as chamas. O fogo dança, já reparou?

— O carro vai pegar fogo? Que porra! Pára com isso!

— Está mais para *slow motion*, um *pause* no máximo.

Ela apontou para a folha no ar, que girava e girava e girava.

— Conserta essa merda.

— Ah, isso não posso. Difícil apagar um erro.

— Tá dizendo que é culpa minha?

— Não estou aqui para julgar ninguém.

Fechei as mãos em punhos.

— Não é minha culpa!

Era, não era? Isso que a garota de preto via escorrendo da minha boca. A culpa. O erro foi meu. Se não fosse a maldita placa pichada, o carro não batia. O motorista não ia se distrair e não ia virar uma bola de fogo. Uma coisa assim tão besta, culpa minha? Eu não pisei no acelerador, eu não ensinei a anta a dirigir. Eu não fiz nada, apenas a placa.

Abaixei a cabeça e mirei o chão. Folhas secas não se moviam. Insetos não se moviam. As sombras, sim, elas se arrastavam por baixo de meus pés.

— A garota — eu podia salvar a garota.

— Clara.

— Clara. Ela não morreu. Há uma chance. Deixa eu ir lá, tirar ela do carro.

— Você não chega a tempo.

— Porra, deixa eu tentar.

— Não faz diferença.

— E o que faz?

Olhos negros sem fundo se atiraram nos meus. Era aí que ela queria chegar. Vadia. Eu não vou ser forçado a nada. Não tem esse direito. Não tem.

— Se pudesse, eu faria algo — e começaria por tirar aquele sorriso besta da cara de gato dela.

— Você pode.

A luz se apagou e eu mergulhei numa escuridão sem frestas. O que ela tinha feito? Puta. Sentia nada, nem meu corpo, nem as pálpebras que poderiam se abrir e revelar meu destino. Maldita. Foi quando me arrependi, de uma só vez minha pele queimava, a cabeça parecia explodir. A dor era tanta que me fazia morder a língua e travar os dentes. Uma rajada sacudiu meu corpo e eu não pude controlá-lo. Me consumia por dentro a vontade de aquilo se acabar de qualquer jeito, de qualquer forma. Quando achei que não ia aguentar mais, meu corpo amoleceu, uma onda morna me percorreu e varreu o desespero. Meus dentes destravaram. O ar voltou a meus pulmões, nem tinha notado que não respirava antes, e um hálito gelado soprou sobre mim.

— Não tente falar, nem enxergar, nem se mover. Você não pode. Está, como vocês dizem?, estabilizado. O efeito dos sedativos vai passar daqui a uma hora. Não se preocupe. Virão para dar mais. Talvez na hora certa.

Eu não a via, mas escutava. Era a cara de gato.

— Você pode fazer isso. Quer? Arnaldo morreu, mas Clara, não. Ela continua viva e pode sobreviver. Vocês são coisinhas frágeis. Deviam tomar mais cuidado. Olhar para os dois lados antes de atravessar, checar a validade, comer seus legumes. Ah, estou divagando...

Uma breve pausa e ela continuou:

— Bem, vamos direto ao ponto. Chega de enrolação. Você, Guilherme de Alcântara, pode fazer isso. Você pode trocar de lugar com Clara. Será um pouco estranho de início. Para ela, digo, mas interessante, para mim. E ela não vai reclamar.

— Você realmente pode fazer isso. Consertar seu erro. Arcar com as consequências. Provar para mim que estou errada. Sou bem preconceituosa em relação a vocês, sabe?

— Então, o que me diz?

“Vaca, ordinária, puta.”

— Não seja mal-educado. Vamos. Quero sua resposta. Tem um detalhe. Se demorar muito, você fica no lugar dela. Pronto. Me apeguei a essa Clara. Uma moça brilhante, ela começou a se destacar. Tem um futuro promissor.

“Que merda é essa? E o livre-arbítrio? E o destino? Eu não posso escolher isso. É cruel. Eu não posso morrer por ela. Eu não posso.”

— Quem disse morrer? Ela vai ficar nessa, como se diz?, UTI, muito tempo, vai sobreviver. Ela não morre.

“Eu sou jovem. Não posso viver a vida dela. Tenho minha vida adiante. Ela tem a dela. Cada um com seus problemas. Posso ser grande também. Posso fazer a diferença. O que você sabe? Não é minha culpa.”

— Sua resposta?

“Não é minha culpa. A Clara é a Clara, eu sou eu.”

De novo, a dor. Como se eu levasse uma surra, estava moído. Senti todos os ossos de meu rosto.

— Esqueci de mencionar. Tem um preço. O barqueiro cobra duas moedas. Eu quero seus cabelos.

“Quê? Merda, quê?”

— Tic tac, tic tac.

“Fica com a porra toda. Quero minha vida, meu *skate*.”

Não fiz força alguma e mesmo assim abri os olhos. Uma luz me cegou e levei um baque no peito. Minha mãe, era minha mãe.

— Querido! Você está bem? Está bem?

— Mãe, sai de cima.

— Enfermeiraaa!

— Que aconteceu? Onde estou?

— No hospital. Um carro bateu no gerador da praça Boaventura. Você tentou ajudar o casal. Um herói. Meu filho herói. Os vizinhos escutaram o estrondo e correram a socorrer. Graças a você, a moça veio para o hospital. Você a tirou do carro, e vocês dois foram arremessados na explosão.

— Explosão?

— Nunca mais faça isso! Deus, Deus! Foi lindo, lindo, mas perigoso demais. Os enfermeiros daqui conversaram com os bombeiros. A descarga elétrica causou a explosão, foi o tempo de uns 5 minutos. O tempo para você tentar salvar a moça.

— Clara.

— Filho? É, é o nome dela. Você a conhecia? Pobre moça. Criatura angelical, os pais dela são uns amores. Eles vão falar com você. São donos de uma firma, acho que publicidade, você já tem cadeira lá garantida. Vão te recompensar. Acharam lindo teu gesto...

— A Clara?

— Filho, calma. A enfermeira já vem. Ô gatinha para demorar... A menina

Clara, ai, Deus, não gosto nem de lembrar, coitadinha, mas foi melhor, melhor do que sobreviver daquele jeito... Filho, você fez o que era certo. E quero que fique calmo. Calmo. Você se queimou um pouco. Nada grave. Seu cabelo...cresce de novo. Pra tudo dá-se um jeito.

Escutei a risada e tentei me levantar. Era ela. A filha duma puta. Os olhos que mudavam de cor. A roupa justa e as botas de cano alto. Naquela praça à meia-luz. Filha duma puta.

Minha mãe segurou meu peito e senti a mão pesada da enfermeira me forçando para trás. À minha frente, na parede, um espelho pequeno. Nele, vi meu rosto chamuscado, uma cicatriz vermelha desde o olho esquerdo até a testa. Lá no espelho, atrás de minha imagem refletida, estava ela. Olhos negros, cabelos voando, deixando um rastro escuro que transbordava da moldura e maculava a parede branca.

Este conto foi inspirado na música "Vivo, Morto o X" de Luciano Ligabue.

Conto originalmente publicado no e-book gratuito Tecendo Nós

Érica Bombardi é Bacharel em Editoração (ECA-USP). De 2000 a 2011 trabalhou como coordenadora editorial na editora Autores Associados, em Campinas. Desde 2011 escreve ficção, faz freelance em edição de texto e presta consultoria em coordenação editorial. Em 2012, publicou o livro de fantasia *Além do deserto*, com apoio do PROAC. Em 2013, seu conto "Antes do Fim" foi segundo colocado no Concurso Literário Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto e será publicado em coletânea.

Leia a entrevista que fizemos com a autora.

Publicidade

CabulosoCast



Um podcast de Leitura, Literatura e Entretenimento
Acesse agora e ouça!

leitorcabuloso.com.br

ISAAC

Ademir Pascale

Caminhando pelas sombras, ele fugiu para o deserto. Não pelo odor da carne podre dos seres humanos, nem pelos vermes que infestaram as ruas de sua cidade. Ele não sentia cheiro, tampouco nojo de seres rastejantes, mas apreciava uma boa e inteligente conversa, algo que não gozava desde a quase extinção dos seres humanos.

Muitos sucumbiram pelo calor excessivo, outros pela falta de água e alimentos. Somente os mais fortes resistiram. Mas foram poucos. *Ele* vivia sozinho, diferente *deles*, que andam em bandos como cães em busca de um pedaço de carne ou osso para roer. *Ele* apenas os observava, até o momento certo para agir...

2034. NOROESTE DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Eles esqueceram de seus antigos deuses. Passaram a reverenciar a estátua profana de um homem com cabeça de bode em posição de xamã. Este se tornou o novo deus dos homens que sobreviveram à catástrofe global.

Mas *ele* é diferente. Não reverencia deuses. Não segue líderes. Tem seus próprios planos e não foi consumido pela fome, doença ou solidão. Hoje o seu passatempo é observar a escassez do homem — não que ele goste disso. A fraqueza daqueles que um dia foram ricos em bens materiais, mas que hoje sucumbiram às necessidades mais simples.

Seu nome é Isaac. Diferente dos seres humanos que restaram, *ele* tem inteligência e força suficiente para carregar um rifle, um 38 carregado na cintura e uma pesada mochila cheia de munições e equipamentos, algo raro, pois as armas usadas hoje são rústicas, como machados e lanças.

Paciente, apenas observava os passos nus dos homens, que à noite reverenciavam o deus bode. Os velhos e doentes eram sacrificados em nome do novo deus, mas apenas o sangue era ofertado, pois dividiam a carne

humana entre os membros do grupo.

A ciência fora esquecida, assim como a tecnologia e qualquer outro sinal de racionalidade. Era como se o mundo retrocedesse milênios.

Isaac sabia poder tirar proveito disso, mas precisava observar mais antes de iniciar seus planos miraculosos.

E do alto da colina, ele aguardou a noite cobrir o descampado. Deram início ao ritual macabro. Uma grande fogueira fora acesa no centro, e a imagem do deus profano deixada em destaque em cima de uma pedra, para que todos vissem a feição inumana daquele ser diabólico. Outros grupos chegaram. Cerca de oitocentas pessoas em total delírio. Uma criança, uma menina de aproximadamente cinco anos de idade, fora empurrada com violência para perto da fogueira que ardia em chamas. Seu semblante estava luminoso pelas lágrimas, como se já soubesse qual seria o seu destino. Homens e mulheres gargalhavam, enquanto outros escancaravam seus dentes apodrecidos.

O líder do grupo principal, o guardião da estátua demoníaca e o mais forte e feroz dos homens, agarrou a criança e rasgou com fúria os trapos que cobriam sua genitália. O grupo entrou em alvoroço. Uma mulher tentou antecipar o que fariam em instantes, puxando o braço da menina, tentando arrancar um naco de carne com seus dentes pontiagudos. O líder a chutou com violência. Ele seria o primeiro a degustar daquela carne macia e nada, nem ninguém, deveria desacatá-lo.

A imagem do deus bode, mesmo imóvel, parecia observar a selvageria daqueles homens que, por instantes, se calaram quando o líder levantou o braço o mais alto que pode. Depois agarrou a menina pelos cabelos e a ergueu perante a imagem. Tirou uma machadinha da cintura e emitiu sons tão terríveis que fez até o mais frio daqueles homens estremecer.

A menina seria decapitada e o seu sangue derramado sobre a imagem do deus profano. E depois do líder se deleitar com a carne crua da garota, os seus restos seriam consumidos pelos outros selvagens.

Isaac sabia que não era o momento certo para agir.

Mas ele odiava seguir regras, mesmo se fossem as suas próprias.

Ele posicionou seu rifle de precisão. Mirou certamente na cabeça do líder e tentou contar até cinco:

1, 2...

BANG

Ele semicerrou os olhos e continuou na mesma posição ao ver a cabeça do líder explodindo e seu corpo tombando, a criança viva e intacta.

E para garantir a segurança da garota, alvejou mais dois selvagens, pois tinha a plena certeza que os carniceiros a esqueceriam e brigariam pela carne dos mortos.

Deu as costas satisfeito, mesmo sabendo que praticamente nada mudaria. Mas salvou uma vida inocente e isso já era o bastante.

Pelo menos por enquanto...

O ESCONDERIJO DA SANIDADE

Era manhã. Abriu os olhos após algumas horas naquela mesma posição. Já de pé, foi verificar o seu rebanho de cabras, um dos poucos animais que restaram no mundo, pois os caprinos são resistentes e se adaptam com facilidade a condições extremas. Isaac possuía mais de duzentas cabeças. Na realidade duzentas e vinte e três. Os selvagens jamais descobririam o seu esconderijo no meio da caatinga cercada por imensas pedras e armadilhas.

O que Isaac tinha em abundância, além de alimento, era conhecimento. Ele sabia que não poderia oferecer a carne aos selvagens naquele momento. Seria preciso domesticá-los. Ensinar os bons modos e impor regras, mesmo não gostando delas.

O plano já estava traçado e só havia uma maneira de fazê-los entender o que ele realmente queria. Torná-los melhores seria um longo trabalho. Mas no final valeria a pena.

Isaac sentou-se próximo ao rebanho e retirou da mochila uma faca. Permaneceu com ela na mão durante horas, até o anoitecer.

Acendeu um lampião e fixou um pedaço de espelho numa árvore seca. Olhou-se fixamente nos olhos. Um olhar frio e sério. Levantou o braço até a altura do pescoço e encostou a faca nele. Fez um pequeno orifício. E num movimento rápido e preciso fez um corte reto de 180 graus.

Isaac não esboçou expressão e nenhum sangue foi derramado.

Atirou a faca no chão.

Olhou-se novamente no espelho, agora fixando os olhos no recente corte. Com o auxílio dos dedos das duas mãos, puxou a pele sintética que cobria o

seu rosto.

Agora o que Isaac via no espelho eram circuitos num rosto humanóide.

Isaac não era humano, mas um androide robótico de primeira linha. Sua bateria interna recarregável poderia durar quase para sempre. Ele foi o único de sua espécie, um segredo de estado que sobreviveu mais do que seus próprios criadores.

Em sua memória, mantinha armazenada toda a história da humanidade. Todas as línguas. Todas as ciências e todas as noções de medicina, robótica, botânica, arquitetura, artes marciais, culinária, tudo.

Isaac era mais perfeito do que o próprio homem. E seria ele a salvação dos humanos que restaram em nosso planeta.

Ele pegou apenas a faca, escondendo as armas e a mochila cheia de munições, e caminhou lentamente, passando por labirintos e armadilhas e escalando rochas, até chegar na reunião noturna dos selvagens canibais. O deus profano estava lá, enegrecido pelo sangue derramado em anos de carnificina, apenas observando a loucura dos homens em desespero. Homens que deixaram para trás, num momento bem distante, a sanidade, cordialidade, generosidade e os bons costumes. Hoje não passam de seres viventes em busca de alimento. Homens capazes de cometer qualquer atrocidade por um pedaço de carne.

Isaac desceu a colina e aguardou, escondido, o momento certo para agir.

O novo líder guardião da imagem ordenou aos seus lacaios que trouxessem as oferendas. Hoje seriam duas anciãs sacrificadas e ofertadas ao deus bode.

Isaac era um instrumento da paz, mas estava sempre pronto para enfrentar uma guerra. E este foi o motivo para deixar as armas em seu esconderijo, pois desta vez ele usaria outros meios para atingir seu objetivo: iniciar a pacificação e educação daqueles seres humanos, para que num futuro distante tudo volte a ser como era antes, ou até melhor, pois ele saberá tratar o assunto com destreza para que os erros do passado nunca mais retornem.

Despiu-se. Com a faca em punho, fez um corte horizontal do pescoço até abaixo do umbigo. Em seguida, retirou toda a sua pele sintética e caminhou sentido à multidão de canibais que festejavam o sacrifício humano que aconteceria em poucos instantes.

Poucos passos o separavam daqueles homens.

Aquele seria o primeiro contato.

Isaac predeterminou o que aconteceria. Se tratando de selvagens canibais, o contato direto seria um grande risco, mas uma certeza ele tinha: não seria consumido.

Agora estava mais próximo. Se tivesse um coração naquele peito de metal e máquina, certamente estaria acelerado ao extremo. Os primeiros selvagens notaram sua presença e foram abrindo caminho, curiosos e boquiabertos.

Isaac caminhou até próximo a estátua do deus profano. O líder guardião ficou indeciso sobre o que fazer, até que a imagem demoníaca foi atirada pelo androide com violência na grande fogueira.

E em cima da grande pedra, local onde ficava a estátua, Isaac permaneceu imóvel para que todos ali notassem a composição do seu corpo cor de prata. Até esticar o braço para o céu e gritar:

— Eu sou o seu novo deus e a mim vocês deverão obediência.

Mesmo sem entender a língua portuguesa, uma língua já extinta, eles sabiam que a figura humanóide estava no lugar do antigo deus e todos, sem exceção, ajoelharam perante ele, agora o deus vivo.

As cerimônias macabras e toda a carnificina acabariam ali. Isaac implantaria uma nova ordem mundial e reeducaria os seres humanos. Ensinaria também o cuidado com o rebanho de caprinos, assim como multiplicá-los. E aos poucos criaria uma nova tecnologia em redes de comunicações, diferente da que foi destruída pela radiação solar.

Seriam muitas décadas ou até centenas de anos para concretizar a construção do novo mundo. Mas isso não é nada para Isaac, o novo deus dos homens na Terra.

Ademir Pascale é escritor e ativista cultural. Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes "Nouvelles du Brésil", publicado na França pela editora Reflets d'ailleurs. Fã n° 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

ESTIVE ASSOMBRANDO SEUS SONHOS

Mary C. Muller

*I've been ghosting, I've been ghosting alone
Ghost in your house, ghost in your homes
When you're tossing, when you turn in your sleep
It's because I'm ghosting your dreams
Ghosting – Mother Mother*

Felipe era apenas um garoto quando descobriu que sua vida não seria como imaginava. Aos dez anos de idade, seu pais o consideravam grande demais para ainda conversar com amigos imaginários, seres que o menino chamava apenas de: Os Fantasmas.

Felipe sabia que não deveria conversar sobre esses assuntos com os pais, mas era comum que os fantasmas aparecessem no meio da noite, fazendo perguntas, pedindo ajuda ou apenas para tentar assustá-lo. Quando isso acontecia, também era comum que os pais o ouvissem murmurar sozinho na escuridão.

Tudo começou muito cedo e o garoto já nem se lembrava da primeira vez que havia conversado com os mortos. Para ele, era como tomar café da manhã. Algo comum. Tão normal ao ponto de ser chato. Exatamente igual pão com manteiga. Achava de extremo desagrado ser acordado no meio da noite por alguma alma penada gritando por ajuda para ir ao Mais-Além ou o importunando com assuntos diversos, como a bolsa de valores. Ele só queria voltar a dormir, sem contar que tinha medo de ser escaldado pelos pais que não gostavam nem um pouco daquela história toda. Agora, aos onze anos, já fazia tempo que nenhuma pessoa morta lhe acordava no meio da noite.

À medida que foi crescendo, foi aprendendo a esconder aquele dom. Sempre que visitava o psicólogo, mentia habilmente sobre os seres que via. Afinal, ninguém acreditava nele, nem nunca acreditaria. Como acreditar que fantasmas e outros seres andavam pelo mundo dos vivos como se fossem gente? Felipe sabia que era verdade e havia apenas duas pessoas nas quais podia confiar seus segredos: Sonny, um vampiro que usava a abandonada

casa da piscina para passar a noite — ou melhor, o dia — e Rubia, uma garota lobisomem que conheceu ao acaso na praia e que tinha a mesma idade que ele.

Aquilo fazia parte da sua vida como a casquinha fazia parte do sorvete. Andava na rua ignorando criaturas que ele sabia não serem humanas. Durante as aulas, nem precisava mais se esforçar para ignorar fantasmas, de tanto que estava acostumado. Aos poucos ia aprendendo a lidar com eles. Ele fazia o que podia, sempre limitado pela pouca experiência e por precisar esconder o segredo de todos a sua volta.

Era apenas mais uma noite quando acordou de repente, abriu os olhos e, pairando sobre ele, viu uma mulher. Ela era diferente das outras. Era esbranquiçada, quase transparente. Os traços do seu rosto eram disformes, como se pudesse se desfazer em fumaça a qualquer instante. Os cabelos e a roupa voavam em volta fazendo-a parecer mergulhada em água. Quando falou, sua voz veio tomada por amargura e abafada como se falasse do fundo de uma caverna.

— Por favor... — ela murmurou. Os lábios mal se moviam. — Por favor.

Felipe se ergueu da cama, afastando os cabelos loiros escuros rebeldes do rosto e se espreguiçando.

— Não faça um escândalo, não posso acordar meus pais — disse ele.

A mulher assentiu com a cabeça e se sentou, sem tirar os grandes olhos de cima dele. As roupas estavam rasgadas, o cabelo sujo de gravetos e folhas. O rosto com barro e hematomas. Felipe era apenas uma criança, mas sabia o que aqueles sinais indicavam. Não era tão ingênuo ao ponto de não reconhecer o fantasma de alguém assassinado quando via um.

— O que aconteceu com você? — Ele perguntou.

E então a primeira novidade em muito tempo aconteceu: a mulher agarrou o próprio pescoço, começou a flutuar no meio do quarto, debatendo as pernas com uma imitação de puro pavor e espanto. Parecia que estava se afogando. Ela fez aquilo por dois minutos e parou. E logo em seguida, recomeçou a encenar o afogamento.

Felipe esfregou os olhos de sono, sem se sentir muito impressionado com a cena. Apenas achou curioso, já que nunca tinha visto um fantasma fazer aquilo. Eles gritavam, choravam e dançavam, mas aquilo era novo. Sem saber o que fazer, decidiu perguntar a Sonny, o vampiro que morava na casa da piscina. Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, pegou uma lanterna e

iluminou seu caminho para descer as escadas da grande casa em que morava com os pais. Será que havia se enganado e a mulher apenas se afogou? Quem sabe ela apenas havia caído de algum barranco e por isso estava ferida.

Ponderando sobre isso, abriu silenciosamente a porta da sala de visitas que levava até a piscina nos fundos. Apagou a lanterna, já que o quintal estava iluminado por uma enorme lua cheia. Imaginou a amiga Rubia, que naquela hora deveria estar com a família, trancada na garagem, todos transformados em lobos gigantes. Imaginou também como o mundo mudaria caso aquilo fosse descoberto.

Andou rente à piscina coberta por uma lona e foi até a pequena casinha que ficava entre os dois muros do lado direito da casa. Não passava de um quarto com frigobar e banheiro, mas para Sonny era o lugar perfeito. Os pais de Felipe nunca tiveram o hábito de usar a casinha para nada, usando o local apenas como depósito. Depois que o vampiro os hipnotizara para ignorar a existência da casa de forma definitiva, havia se tornado o lar ideal para ele.

Felipe não se importava. Não era muito apegado aos pais e os via como pagadores de contas que ele precisava apenas evitar o suficiente para não ser chamado de louco nem filho do demônio. Estava sempre ouvindo as pregações dos pais sobre como ele agia de maneira estranha, sobre como os “amigos imaginários” podiam ser seres demoníacos e outros absurdos. Sonny os achava uma piada e era ele o único que estava lá para apoiar Felipe quando algo ruim acontecia.

Sem cerimônias, entrou no quarto escuro e acendeu a luz. Sonny estava deitado na cama, apoiado na cabeceira com um notebook sobre o colo. A luz do monitor iluminando seu rosto jovem, que portava grandes óculos de aro preto. O cabelo negro e liso raspado na lateral direita.

Assim que o viu, Sonny abriu um sorriso, deixando à mostra um par de caninos afiados dos quais Felipe não tinha medo algum. Ainda mais considerando o fato de que Sonny vestia um pijama de bolinhas azuis e pantufas de coelho.

— E aí, garoto — disse o vampiro, colocando o computador de lado e cruzando as pernas.

— Achei que você fosse estar na rua ou coisa assim.

Sonny balançou a cabeça e Felipe sentou na cama, olhando em volta. O quarto estava uma bagunça, com roupas espalhadas por tudo, controles e fios

de video-games e CDs. Num canto afastado, o estimado contrabaixo de Sonny. Felipe acreditava que se seus pais entrassem ali, se surpreenderiam mais com a bagunça do que com o fato de que um vampiro dormia lá há cinco anos. E a bagunça só não era pior porque ele se alimentava de sangue, se não, o local estaria atulhado de louças sujas e restos de comida estragada.

— Estou com tédio demais para sair de casa — respondeu Sonny. — O que você precisa? São duas horas da madrugada.

Felipe pensou um pouco no assunto e lhe contou sobre a fantasma que estava em seu quarto, encenando um afogamento. E assim que terminou de contar a história, a mulher apareceu ali, bem na frente de Felipe, repetindo as mesmas palavras de antes: *Por favor... por favor*. Sua voz penetrando a mente do menino como uma agulha.

Sonny deu um olhar digno de pena à mulher quando ela agarrou a garganta, se afogando novamente.

— O que ela está fazendo? — Perguntou o garoto. — E porque ela tem essa aparência de fantasma de filme clichê?

O vampiro deu uma pequena risada antes de voltar seu semblante sério para a mulher.

— Ela está repetindo as últimas coisas que fez em vida, e parece apagada desse jeito porque nenhum ceifador separou sua alma de seu corpo. Ela ainda está presa ao corpo dela, sofrendo de novo e de novo. Provavelmente consegue até mesmo sentir o próprio corpo apodrecer. É uma coisa horrível — completou.

O garoto olhou para a mulher e a chamou com a mão, desejando poder fazer alguma coisa para ajudá-la. Já havia visto muitos fantasmas sofrendo pela morte, mas nunca havia imaginado que podia existir algo tão horrível quanto viver a própria morte pela eternidade.

Felipe estava aprendendo bastante com Sonny. O vampiro o ensinara boa parte do que conhecia e ele já se encontrara com bruxas, zumbis e ceifadores, que sempre lhe ensinavam algo novo para que um dia pudesse se tornar um médium e ajudar os mortos a chegar ao Mais-Além. Ixtab era sua ceifadora preferida. Ela ceifava suicidas dentro da cidade e por isso tinha muito tempo livre. Felipe sabia que os ceifadores sempre encostavam na vítima logo antes da morte para que a alma fosse cortada do corpo com antecedência e não sentissem dor nem sofressem, facilitando o momento de ir ao Mais-Além. Nunca tinha nem ouvido falar de algo parecido com aquela mulher a sua

frente.

— Por que não ceifaram ela antes de morrer? — Ele perguntou.

Sonny balançou a cabeça.

— Ela deve ter morrido em um acidente, onde a pessoa não estava agendada para morrer, ou foi assassinada e o corpo dela está muito bem escondido.

— Assassinada? Mas ela está se afogando.

— Existem várias formas de se matar uma pessoa, Felipe. Jogue um pouco de The Sims e vai aprender isso bem rápido.

Felipe lhe lançou um olhar de desdém. Sonny apenas sorriu.

— O que nos resta agora — disse o vampiro — é descobrir quem deveria ceifar essa mulher.

Sonny pegou o celular de cima do balcão e discou um número.

— Boa noite, Otto — ele disse. — Uma *desgarrada* achou o Felipe. Ta aqui em casa encenando a própria morte.

Felipe ficou aguardando a resposta. Pouco tempo depois, Sonny desligou o telefone.

— Tente descobrir o nome dela.

Felipe assentiu.

— Moça... moça, boa noite.

A mulher parou de murmurar “por favor” e o fitou nos olhos. Nunca tinha visto olhos tão tristes em toda vida.

— Qual é o seu nome?

— Meu nome? — A voz não era mais que um sussurro. — Eu tenho um nome?

— Tem sim.

Ela começou a pensar e por alguns instantes e o pesar parecia ter sido removido da face dela.

— É Juliana — ela disse — Juliana Rodrigues.

Sonny digitou o nome no celular e o enviou por mensagem. Levou apenas um minuto para que uma ave negra pousasse na pequena janela do quarto. O corvo bateu as asas algumas vezes, voando para dentro do aposento e se transformando em um homem de calças rasgadas e coturno surrado. O cabelo pintado de verde e uma tatuagem horrorosa no braço desnudo. O tronco coberto apenas por um colete jeans repleto de bottons.

Sonny suspirou.

— Tinha que ser você mesmo, Heitor.

— Cala a boca, Sonny — respondeu o ceifador, e, ignorando a presença de Felipe andou até a fantasma que olhava em volta assustada. — Finalmente encontrei você. Estou te procurando há três meses.

Caso ela tenha entendido, não esboçou nada no rosto para demonstrar isso. Apenas voltou a dizer “por favor” e se afogar novamente.

— Deixa o garoto falar com ela — disse Sonny. — Ele tem mais jeito pra isso do que você.

O ceifador olhou em volta, só agora reparando em Felipe.

— Quem é o moleque?

— Médiun em treinamento — respondeu Sonny — com dez vezes mais tato que você para lidar com uma pessoa morta presa ao corpo. O que diabos aconteceu de qualquer forma?

Heitor balançou a cabeça.

— Não era pra ela ter morrido.. Outra garota seria morta naquela noite, mas ela se envolveu em um acidente de carro não planejado. Aí o assassino pegou essa aqui no lugar. Nunca mais encontramos ela, muito menos o homem que a matou.

— Vocês são uns inúteis.

— Pelos menos alguém trabalha no mundo espiritual, Sonny, ao contrário de você que fica jogando video-game e fingindo que tem uma vida.

— Pra mim isso não passa de inveja por não poder vadiar — disse o vampiro. — Mas já que você faz tanta questão, vamos achar o corpo da sua alma penada e o filho da mãe que a matou.

Felipe ficou encarregado de descobrir onde o corpo da mulher havia sido deixado. O problema era que ela não falava nada com nada, e sempre que o garoto tentava reconstruir seus últimos passos, ela se desesperava e voltava a se afogar. Até que teve uma ideia.

— Juliana — ele a chamou. A mulher voltou o olhar para ele, concentrada. — Você consegue ouvir alguma coisa?

— Ouço você falando — respondeu.

— Não aqui. Onde você foi morta . Consegue ouvir algo?

Ela fechou os olhos, colocando as mãos no ouvido em forma de concha. Então meneou a cabeça.

— Ouço o mar quebrando na praia.

Sonny e Heitor, até então entretidos em fazer caras feias um para o outro,

se aproximaram, interessados.

— O que mais? — Perguntou Felipe.

— Hum... Ouço música. Música bem distante. Eu gostava de vir aqui.

— Aqui onde?

— Oras, aqui onde estamos. Na praia, onde fazem os luais.

Os três se entreolharam.

— Ela está na Praia Brava — disse Sonny.

Heitor imediatamente se transformou em um corvo, mas antes que pudesse sair pela janela, Sonny agarrou sua cauda, lhe arrancando um punhado de penas e um grito.

— O que você pensa que está fazendo? — Grasnou o corvo.

— Você espera encontrá-la sozinho? Se fosse fácil de achar, o corpo já teria sido encontrado. Felipe, coloca um calçado bem rápido e me encontre lá fora.

— Você não espera levar um moleque de dez anos com a gente.

— Onze e meio — corrigiu Felipe.

— Espero e vou, ele precisa aprender — Sonny emendou.

Felipe correu de volta para seu quarto, tentando subir as escadas o mais silenciosamente que podia. Colocou um tênis, um casaco e disparou para fora de casa.

Sonny, ainda em seu pijama de bolinhas, e um mal humorado Heitor o esperavam dentro do carro do vampiro. Dirigiram por vários minutos até chegarem na Praia Brava, estacionando o carro próximo ao bar onde aconteciam os luais. O lugar estava cheio e a música alta poderia ser ouvida pela vizinhança.

O mar quebrava na praia fazendo um estrondo e levando maresia até eles. Um pequeno grupo de pessoas se aventurava nas ondas e suas risadas chegavam até ali quando eram derrubados pela força da água.

— Tem que ser bem perto daqui — disse Heitor. — Ou ela não poderia ouvir o mar também.

Foram andando pela beira mar e adentraram a vizinhança. A fantasma os seguia, parecendo alheia ao que estava acontecendo. Até que entraram em uma rua escura e ela começou a chorar. Caiu de joelhos e voltou a apertar o pescoço e se afogar, como se reconhecesse o lugar em que estavam. Sonny começou a farejar o ar em volta com seu olfato aguçado. Foi andando até se aproximar de uma casa de veraneio. Uma daquelas casas grandes e vazias,

cujos donos usavam apenas uma vez no ano para o natal ou férias.

Ele fez um esgar de nojo e prendeu o nariz.

— É aqui. Tem algo podre aí dentro, e é bem grande.

Heitor olhou em volta e deu um salto no ar, virando um pequeno besouro preto, que voou até o segundo andar da casa e entrou por um buraco em um dos vidros. Uma vez lá dentro, voltou à sua forma humana e em poucos segundos abriu a porta de entrada. Sonny colocou Felipe sobre os ombros e pulou o muro da casa com agilidade, entrando na casa com o nariz tampado.

Felipe inspirou fundo, mas não sentiu cheiro algum. O vampiro, reparando no gesto do garoto, o colocou de volta no chão e apontou o final do corredor, onde havia uma porta de madeira puída.

A casa não possuía nenhum móvel. Poeira fina e areia cobriam o chão e as bancadas. Heitor andou lentamente pelo corredor, Felipe vinha atrás roendo as unhas de medo. Já havia feito amizade com vampiros e lobisomens, visto zumbis, fantasmas e até mesmo um boto cor-de-rosa, mas nunca tinha visto um defunto.

Sonny riu da expressão do garoto, arrancou um pedaço da cortina da sala e enrolou em volta do rosto de Felipe, lhe cobrindo o nariz.

— Tente não respirar muito lá dentro.

— Eu preciso mesmo fazer isso?

— Só se você quiser. Mas um dia você vai lidar com coisas piores do que corpos sem vida, e espero que esteja preparado para isso quando acontecer. Não é nada demais. É só o resto que fica para trás.

Felipe assentiu. Heitor abriu a porta e foi então que pode sentir o cheiro. Era horrível. O odor invadiu suas narinas, lhe dando uma imediata ânsia de vômito. Se afastou o máximo que pode, optando por observar a cena de longe.

A porta dava para um banheiro espaçoso. Só conseguia ver a água imunda que havia escorrido da banheira, completamente suja de manchas secas e escurecidas de sangue. Ao lado dela, um homem morto estava sentado sobre o vaso. Os braços encharcados de sangue coagulado, com uma poça ressequida em volta de seus pés.

Juliana, a fantasma da garota morta, estava do lado de Felipe. Tapando a boca, igual a ele. Olhava para a cena com horror, começando a chorar. Lá dentro do banheiro, Heitor enfiou a mão na banheira. Assim que o fez, Juliana soltou um suspiro aliviado. Sua cor mudou, ficando mais vívida e menos transparente.

Felipe observou sua mudança com alívio, sabendo que a garota estava finalmente livre e que não precisaria mais sofrer. Os hematomas desapareceram, o cabelo ficou novamente liso e as olheiras clarearam.

Já tinha visto espíritos indo ao Mais-Além várias vezes, mas sempre achava incrível. A carona sempre vinha em algum veículo que tinha algum significado para a pessoa morta. Quando acontecia, parava para assistir e aproveitar aqueles poucos momentos de paz que a cena proporcionava. Nestas ocasiões sempre se pegava imaginando qual seria a sua própria carona ao Mais-Além quando morresse. Talvez um fusca, ou pedalinho, ou quem sabe uma bicicleta.

A carona de Juliana era uma série de carrinhos de montanha-russa. Estava parado do outro lado da porta, com o trilho acendendo aos céus em frente. Logo no primeiro assento, um homem de cartola rosa e gravata borboleta sorria para ela.

A garota abriu um sorriso enorme e suas roupas ficaram limpas de repente. O restante das marcas e sujeira desapareceram, mostrando uma pessoa completamente diferente daquela que havia conhecido horas atrás. O corpo na banheira não importava mais, e ela se ergueu do chão de cabeça erguida, sentando-se ao lado do condutor. Antes de partirem para aquele lugar que ninguém sabia ao certo o que era, ela se virou para Felipe.

— Obrigada.

E partiu. A montanha-russa disparou pelo céu e pelo além, até desaparecer de vista. Eram momentos como aquele que lhe convenciam de que tudo valia a pena. Que não havia importância na forma como era tratado pelos pais ou colegas de escola: um anormal. Pois sabia que se dedicando de verdade àquilo, poderia ajudar pessoas como Juliana. Percebia agora que Sonny não o levava ali para ver morte e corpos, e sim para que se habituasse à rotina de um médium e visse como podia ser importante. Se encheu de otimismo e chegou a esquecer tudo o que tinha acontecido até ali. Foi para fora da casa e entrou no carro de Sonny, esperando ele e Heitor voltarem.

Enquanto esperava, lembrou-se da súplica que Juliana ficava repetindo. “Por favor”. Era horrível pensar que aquelas foram as últimas palavras que ela havia dito e as circunstâncias em que o tinha feito.

Contou isso para Sonny mais tarde naquela noite ao que ele lhe respondeu que não. Aquelas não haviam sido as últimas palavras dela. “Obrigada”. Essa sim havia sido sua última palavra. Não sabia se ele estava apenas sendo

bonzinho ou se tinha razão. Era engraçado pensar em como os seres que conhecia podiam ser mais inofensivos que muitos humanos. De qualquer maneira, acreditou em Sonny.

E acreditou que tinha feito algo bom.

Mary é uma garota estranha que gosta de coisas esquisitas e nunca tentou comer aipo. Gosta de gatos e costuma entender a gramática felina com mais facilidade do que o esperado. Autora de um livro infantil chamado “Eu queria ser um dinossauro”, também já ilustrou o trabalho de outros autores. Seus contos “102A” e “O que os gatos dizem” serão publicados em breve em coletâneas. É designer gráfica especializada em projetos editoriais e mora em Belo Horizonte com seu marido e uma gata caolha que ouve hip hop.

Leia a entrevista que fizemos com a autora.

Publicidade

Podcast Ghost Writer



Literatura! Literatura! Literatura!
Um podcast brasileiro sobre literatura.

programagw.podomatic.com

ARCA DOS SONHOS

Fred Oliveira

*Além deste lugar de ira e prantos
Surge apenas a sombra em seu Horror
E ainda a ameaça dos anos
Encontra, e há de encontrar-me, sem temor
Não importa o quanto o portal seja restrito
Que ao pergaminho punição não falta
Eu sou o mestre de meu destino
Eu sou o capitão de minha alma.*

William Ernest Henley – Invencível

(Tradução do autor)

O Capitão repousava sobre a Poltrona e, através dela, alcançava o espaço exterior, tocando o infinito. Ao seu redor, a Arca singrava as ondas gravitacionais de estrelas e buracos negros, cruzando nebulosas incandescentes e cinturões de asteroides gelados. Poeira estelar e meteoritos chocavam-se contra o casco da gigantesca espaçonave, e o Capitão sentia sua pele formigar com esse contato, como se o próprio universo acariciasse sua face. Com um pensamento, corrigiu a rota milímetros para a esquerda e para baixo, embora nem isso nem aquilo parecessem fazer sentido ali. Centenas de anos no futuro, os milímetros se transformariam em milhares de quilômetros. Milhares de anos no futuro, se tornariam anos-luz. E a Arca permaneceria em sua jornada até o Fluxo Escuro, nos limites da realidade observável, rumo ao desconhecido. Quando descoberto, os cientistas se dividiram; uns especularam que o Fluxo seria uma megaestrutura sobrevivente à Grande Explosão do início de tudo, um objeto de massa infinita e propósito incompreensível. Outros teorizaram que poderia ser a afluência de um outro universo, forçando sua entrada, sua existência, suas leis e caprichos em uma realidade espaço-temporal que não lhe pertencia. Os sacerdotes foram categóricos: aquele era o Palácio do Criador, lugar de origem, de onde fluía

tudo o que era, que é e o que será. Gerações nasceram, viveram e pereceram durante a construção da Arca, o impossível tornado possível por mãos mortais. A espaçonave foi tripulada não apenas pelos mais capazes, mas por todos aqueles que sentiam que o Fluxo era tanto berço quanto mausoléu, alfa e ômega de suas existências, a resposta final para enigmas que sequer poderiam ser imaginados. E assim, eles embarcaram, às centenas de milhares, encerrados em um sono tão profundo quanto o abismo negro que ameaçava engolir a Arca. Todos, menos o Capitão.

Era seu trabalho guardar a espaçonave e seus ocupantes, pelo tempo que lhe fosse proporcionado e exigido, até que nem mesmo a Poltrona pudesse mais estender a sua vida, muito depois de a morte haver se tornado não apenas uma companheira constante, mas uma amiga saudosa e uma amante desejada. O Capitão e a Arca eram um, sinapses disparando eletricidade entre si, despertando sistemas e subsistemas, o zumbir de máquinas acompanhando o ritmo de um coração cada vez mais vacilante. Mas o tempo ainda não havia chegado. Enquanto isso, a radiação de uma estrela azul gigante, maior do que muitos sistemas solares, banhava a fuselagem da Arca, aquecendo a pele encarquilhada do Comandante e fazendo-o semicerrar os olhos presbióticos contra a claridade, polarizando as janelas cristalinas da espaçonave e tornando-as quase opacas. Mais à frente, um conjunto de pulsares rodopiava sobre si mesmo, seu brilho estroboscópico piscando em uma frequência semi-hipnótica. Perto dali, um buraco negro expelia vapor d'água, formando uma nuvem aquosa suspensa no espaço, cem mil vezes maior do que uma estrela anã vermelha. Ao atravessá-la, o Capitão sentiu as gotas se espalhando de proa à popa, um frescor tal como apenas em sua infância, incontáveis vidas atrás, havia experimentado, ao brincar sob a chuva de mãos dadas com seus irmãos e irmãs. A lembrança cálida quase o fez ignorar o perigo que se avizinhava. Os sensores de longo alcance lhe trouxeram formas e sons, intenções e atos. Milhares de quilômetros à frente, navegando o imensurável oceano vaporizado, uma nau capitânia propunha desafio.

O Capitão suspirou, lançando uma onda de alerta que era como um arrepiado correndo pela estrutura da espaçonave e acionando sistemas de defesa até então adormecidos. O último combate havia ocorrido talvez uma dezena de anos atrás, dentro de sua perspectiva; há centenas de anos para o resto do universo, velocidades relativísticas sobrepondo-se aos efeitos dos poços

gravitacionais que pontuavam a jornada e garantiam o impulso perpétuo da Arca. Há muito a notícia do grande atrevimento humano havia se espalhado pelas redes quânticas de informação através das galáxias, imediatamente alcançando culturas tão diversas quanto suas reações àquela ideia nova e, portanto, perigosa. Uns haviam manifestado sua simpatia à causa, enquanto outros se mostraram cautelosos. O sentimento mais disseminado era um temor supersticioso, seguido de indignação histórica e ódio xenofóbico, um horror virulento pela Arca, seus ocupantes e tudo aquilo que eles representavam. E assim começaram os ataques. Raças avançadas e próximas caçaram o Capitão e sua embarcação pelo éter negro do espaço, uma agulha em um palheiro cósmico. Civilizações atrasadas e longínquas aguardaram a consumação de centúrias sobre centúrias, certos de que um dia a Arca passaria por sua vizinhança e que eles já teriam, então, alcançado um nível tecnológico suficiente para fazer frente à empreitada. Todas haviam falhado e as cicatrizes sobre a pele apergaminhada do Capitão eram um reflexo da couraça dilacerada que envolvia a Arca. Marcada, porém ainda íntegra, ela seguia rumo ao seu destino, encontrando mais um oponente em seu caminho.

A nau inimiga se aproximava, uma silhueta cada vez mais nítida e volumosa, agigantando-se em um mar de ondas estáticas. O Capitão rangeu os dentes que lhe restavam e cerrou os punhos esqueléticos, conclamando seus guerreiros para a luta, todas as centenas de milhares de mentes que hibernavam por toda a Arca. Cada um dos seus passageiros emprestava o seu intelecto para a defesa do seu lar e seu objetivo final, corpos em animação suspensa, enquanto seus inconscientes assumiam o controle individual das naves que se lançariam contra a ameaça alienígena. Os hangares se abriram, de bombordo a estibordo, liberando seus ocupantes em direção à batalha; encouraçados se destacavam da fuselagem da Arca, cada um deles monumental em tamanho e ainda assim pigmeus ao lado de sua nave mãe; fragatas corriam à frente, preparando uma barreira de fogo para receber os adversários que se aproximavam; torpedeiros e contratorpedeiros deslizavam lado a lado, como irmãos; enxames de caças formavam nuvens escuras, que ondulavam pela batalha, ora aqui, ora ali, ferrendo os desafiantes maiores e perseguindo os menores. O campo de duelo era um caos silente, explosões mudas anunciando a queda dos combatentes enquanto a Arca e seu desafiante se aproximavam mais e mais. Canhões cognitivos buscavam alvos

a todo o momento, formando uma barragem cinética que destroçava tudo aquilo que fosse tolo o suficiente para se aproximar demais, os olhos do Capitão movendo-se freneticamente nas órbitas, dirigindo cada disparo. E toda baixa era um novo golpe, como se um pedaço fosse arrancado do já frágil corpo. Uma nave abatida, uma consciência perdida para sempre, enquanto os que ainda restavam se debatiam em seus casulos, sonhando sonhos de fogo e morte, suspensos sobre um abismo de escuridão.

A Arca agora se encontrava a várias centenas de quilômetros da nau alienígena, amantes em uma valsa bélica, quase a trocar um beijo furioso na escala ilimitada do universo. Havia chegado o momento de encerrar aquele conflito. O Capitão gesticulou brevemente com suas mãos, afastando as palmas uma da outra. Imediatamente, suas naves se separaram, movendo-se para longe de si e do inimigo que, confuso, parecia incapaz de decidir se deveria perseguir suas presas ou aproximar-se para clamar o prêmio maior. E foi então que todo o cansaço, toda a frustração, toda a raiva, medo e saudade do Capitão se congestionaram em seu peito, correndo pelas suas veias enquanto seus dedos se agarravam aos braços da Poltrona. A fúria rubra reverberava pela Arca, que parecia mudar, reconfigurar-se, abrir-se para expor o seu núcleo ardente. Com a voz rouca pelo tempo e pelo desuso, o Capitão gritou. A nave iluminou-se de dentro para fora, como uma estrela implodindo em supernova, liberando uma torrente de plasma irresistível, o combustível das próprias estrelas, em direção à embarcação inimiga. Apanhadas no turbilhão, as naves menores foram obliteradas com a mesma facilidade que os cristais de gelo que flutuavam entre os destroços da batalha. A nau capitânia pareceu hesitar ao ser atingida, como se não compreendesse ainda que o fim havia chegado. Lentamente as rachaduras se espalharam pelo casco curvo e quitinoso, escuro e lustroso como o de um inseto, prenunciando o colapso total da estrutura. Por uma eternidade que durou alguns minutos, ela agonizou, desabando sob o próprio peso, enquanto os remanescentes da sua frota eram impietosamente caçados pela esquadra da Arca. Finalmente, cessou de existir, em uma detonação cujo brilho ofuscou o das estrelas mais próximas. E então, tudo estava acabado.

O Capitão inspirou profundamente, apoiando seu corpo dolorido sobre a Poltrona enquanto chamava de volta sua armada. Nem todos regressariam. Com um esforço indescritível, retornou a Arca à sua configuração de cruzeiro, trazendo-a de volta à rota previamente traçada, enquanto se desviava de

ruínas do tamanho de pequenas luas. Com a cabeça pendendo molemente sobre o peito, sentiu que o momento da Transição havia finalmente chegado. Trêmulo, ergueu-se da Poltrona depois de anos incontáveis sobre ela, tendo como companheiros apenas o vazio exterior e os fantasmas de inimigos tombados. Penosamente, caminhou para a Câmara dos Sonhadores, onde se encontravam fileiras intermináveis de casulos, cada um deles ocupado por um hibernante. Todos vivos, embora muitos já houvessem deixado o juízo em alguma batalha pretérita, que passaria como um filme em suas mentes irrecuperáveis, de novo e de novo, pelo tempo que durasse sua existência torturosa. O Comandante não possuía a autoridade para poupar-lhes o sofrimento, embora desejasse fazê-lo, do fundo do seu velho coração. O destino deles, loucos ou sãos, repousava no final da jornada, quando finalmente encontrassem o Fluxo Escuro. Manquejou até um dos alvéolos de metal, parando em frente à abertura cristalina, deixando ver seu ocupante. Ela flutuava verticalmente no tanque cilíndrico, tubos atravessando o seu corpo e fazendo circular uma solução salina de baixa temperatura, que tomava o lugar do seu sangue e desacelerava seu metabolismo, induzindo o estado de animação suspensa. Contemplou o rosto jovem, emoldurado por cachos vermelhos que serpenteavam ao redor da sua cabeça. Não se lembrava de já ter sido assim, tão moço. Com um pedido silencioso de perdão, o Capitão ativou o procedimento automático que a traria de volta para a vida. Quando ela despertasse, encontraria o cadáver de um velho, caído sobre o painel de comando do seu casulo. Ela prestaria as honras devidas ao corpo e simbolicamente aposentaria o Capitão de sua função, dispensando-o do cargo e oficialmente assumindo a sua patente. E então, caminharia com passos incertos até a Ponte de Comando, onde a Poltrona lhe aguardava. E nela permaneceria até o fim dos seus dias.

Fred Oliveira é gastrônomo por profissão, historiador por predestinação, comediante por inconveniência e escritor por insistência. Atualmente escreve contos de horror e ficção científica e pretende lançar um livro em cada gênero. Um dia. Cria um gato preto e rabugento chamado Azeviche e adora Literatura Especulativa.

Leia a entrevista que fizemos com o autor.

NO LABIRINTO

Jessica Borges

*As the pain sweeps through makes no sense for you
Every thrill is gone wasn't too much fun at all
But I'll be there for you-ou-ou
As the world falls down.*

David Bowie

Nos últimos tempos sua vida vinha sendo ditada pelos sextetos do relógio. Às seis da manhã, acordar; ao meio-dia, um almoço ou quando estava com pressa demais, um lanche rápido; às dezoito, saída do trabalho correndo para tentar evitar o trânsito impossível de ser evitado; e, à meia-noite...

Estava perto agora. A hora ambígua se aproximava de maneira que seu corpo podia reagir a ela. Magnética e assustadora, sempre sussurrava para si mesma que desta vez seria a última, que amanhã dormiria cedo e esqueceria toda aquela bobagem. Mas quando sua vida começa a ser regida pelos sextetos do relógio, é difícil não esperar pelo último e mais bonito deles.

E naquela noite não havia Lua.

Assim que se deu conta disso, viu os ponteiros se encontrando sensualmente sobre o par de números que governava o mostrador. 1. 2. Somados, 3. E escuridão.

O abajur se apagou, assim como o visor do celular e até mesmo as luzes do poste da rua pareceram oscilar. Estava na hora. Ela fechou os olhos e quando os abriu, já não estava mais em seu quarto.

— Ah, Sarah, você me assustou! — A mulher sorriu. Tinha realmente pulado muito alto, fazendo suas sedas, ora esverdeadas, ora arroxeadas, rodopiarem no ar. Sarah sorriu, ao perceber que ela ainda segurava as mãos da pequena criada de quarto.

— Boa noite, vossa Alteza.

— Boa noite — ela deu dois passos na direção da recém-chegada, agora já bem mais à vontade. — Estava esperando por você! Veja — ela apontou

para a cama, onde repousava um belo vestido azul. — Foi Rod mesmo quem escolheu. Ele disse que a queria linda essa noite.

— É lindo — ela passou a mão pelo tecido macio, possivelmente o tipo de coisa que em seu mundo custaria os olhos da cara, mas ali... ali tinha o que queria. Sempre. E de certo modo, sabia que Rodriel pediria tudo de volta e em dobro algum dia. — Muito obrigada, Varsa.

A garota sorriu, os olhos lilases reluzindo:

— Eu definitivamente não fiz nada, minha querida, foi meu ilustre irmão.

— Você já...

— Não. E não falemos disso, está bem? — Ela fez um sinal para a criada.

— Ajude-a a se vestir — e em seguida dirigiu-se a Sarah. — Vou levá-la ao salão quando estiver pronta.

Ali havia lua.

Ela iluminava todo o salão e seu reflexo realçava o chão de prata polida. Estava apinhado. Como aquele do *Labirinto*, onde Bowie aguardava a garota de seus sonhos e de suas torturas. Um rei aguardando sua princesa. Como Rodriel sobre o estrado.

Sua Majestade era o único que não usava máscaras naquele momento, o que o fazia ser muito mais receptivo do que os outros convidados. Sarah não gostava de bailes de máscaras, ficava sempre imaginando se por baixo delas não haveria rostos monstruosos de insetos, como os do Overlook. Mas não se preocupou com isso, já que assim que a viu, Rod se levantou e veio em sua direção, abrindo caminho entre seus vassallos.

Estava radiante como sempre. Os olhos cor de chumbo brilhavam. Suas vestes eram vermelhas com detalhes azuis nas mangas e na gola. Seu cabelo escuro e comprido, uma massa única cortada dos dois lados pelas pontas das orelhas, emoldurava o belo rosto. Ele não perdia para o Bowie em nada...

— Minha princesa — ele se curvou e encostou seus lábios pálidos na mão direita da jovem, ela viu vários olhos mascarados se voltarem para ela. — Estava esperando por você.

— Majestade — ela lhe fez uma reverência e ele sorriu, seus dentes brilhando, os caninos ligeiramente pronunciados como os de um gatinho. Ele

era estranho e bonito ao mesmo tempo, algo que se esperava do rei daquele lugar mágico.

— Vamos, vamos! — Ele a puxou consigo para o estrado. — É hora do banquete!

Os convivas se agitaram e várias mesas surgiram no salão, já cobertas com pratos, talheres e taças. Os criados vestidos discretamente se aproximaram, silenciosos e eficientes. Varsa se sentou do lado direito do irmão, enquanto Sarah ocupava o esquerdo. Ele a beijou no rosto e sussurrou:

— Temos tudo o que desejar. Vamos, tenho certeza que vai gostar da sobremesa.

Sarah sorriu e delicadamente recusou a entrada. Sabia que não podia comer. Já sabia instintivamente desde a primeira vez que estivera ali. E Alana, uma das amantes anteriores de Rod, havia confirmado. Se experimentasse o que quer que fosse estaria presa, não voltaria mais para casa e seus sextetos sem magia desapareceriam. Desapareceriam também seus pais, seu irmão e seu noivo.

O banquete começou. Os pratos mais fantásticos eram servidos um após o outro. Havia risos e galanterias. Rod a tocava todo o tempo e ela retribuía os olhares e, por que não dizer, algumas das carícias. Gostava dele, já estivera com ele algumas vezes, mas não era realmente sua amante, não estava presa a ele como várias das outras moças no estrado, aquelas que comiam e riam para outros cavalheiros presentes, mas que não tiravam os olhos de seu rei e da ainda-humana ao seu lado. Elas haviam abraçado o sexteto final, Sarah gostava de pensar que ele era uma simples pausa.

Varsa lhe contou uma história engraçada sobre um de seus pretendentes e Sarah riu. O desdém da princesa pelos rapazes que seu irmão lhe dava era pungente, mas Rodriel preferia ignorar. Os boatos na corte da preferência da princesa pelas criadas e pelas antigas amantes do rei eram sussurrados apenas. Todos sabiam que Rod podia ser incrivelmente inflexível, principalmente quando se tratava da irmã mais jovem.

— Aqui, veja! — Ele pegou a mão de Sarah. — Não é uma beleza?

Era, era sim. Um gigantesco bolo de frutas laranjas, todo branco e recheado de sorvete foi trazido. Por um minuto, Sarah hesitou. Resistir a doces: teria de se esforçar agora.

A sobremesa era sempre a pior parte.

— Princesa...

— Não, obrigada — ela sorriu para o criado que olhou para o rei parecendo preocupado. Rodriel franziu o nariz por um instante e também recusou a sua fatia.

— Sarah, vamos conversar — ele a ajudou a ficar em pé e ordenou que os outros continuassem a comer. Varsa os olhou e por um momento pareceu tensa, mas nada disse. Os dois seguiram para a sacada, do outro lado do salão.

Ali, a lua era um esplendor. Uma mistura de cores e reflexos que em outras circunstâncias poderia cegar.

— Sarah, você sabe o quanto eu a amo...

— Sim, Majestade — ela se encostou contra a amurada e por um momento quis que seu vestido fosse amarelo. — Eu sei.

— Eu gostaria, eu desejo de todo o meu coração, que fique aqui comigo. — Ele não esperou que ela respondesse — será feliz aqui, sabe disso. Será imortal, jovem, livre...

— Livre? — Ela sorriu.

— Livre. Terá nobres damas como amigas, jovens cavalheiros como amantes se desejar. Terá a mim...

— Até quando o senhor me quiser...

O rosto dele se contraiu por um momento:

— Conversa demais com Alana...

— Ela está infeliz, Majestade.

— Infeliz? Como ela pode estar infeliz?

— Ela está aqui há seiscentos anos...

— Ela pode ir embora se quiser, basta que coma alguma coisa de fora daqui...

— Para quê, Majestade? Seiscentos anos! Ela viraria pó assim que saísse dessas paredes.

Ele tomou-lhe as mãos e as acariciou, depois se aproximou de seus lábios:

— A imortalidade tem seu preço — Sarah sentiu a maciez da boca do príncipe na sua, suas mãos em sua cintura. Ela recuou e o encarou:

— Eu tenho minha família fora daqui, Majestade. Meus amigos. Meu noivo.

Ele retesou. Sempre parecia ter comido um limão azedo quando André era mencionado.

— Ele não pode lhe dar mais prazer do que eu, minha menina. E mesmo se desse, duraria o quê? Dez anos? Doze? Depois ele arrumaria uma amante

mais jovem e a deixaria. Ou se tornaria amargo e distante, vocês se separariam e só haveria dor. E os filhos... — ele fez uma careta. — Você seria infeliz.

— Rod, eu amo você. Mas amo André mais do que qualquer outra coisa no mundo. Vou me casar com ele e seremos felizes...

— Por uma dúzia de ciclos e nada mais. — Ele passou o braço em volta de sua cintura. — Há seis meses você vem aqui todas as noites. É sempre minha bela convidada de honra. Já partilhou minha cama, já dançamos juntos, já caçamos, nadamos, passeamos juntos. Você aqui só terá prazer e lá fora, lá fora só terá dor, minha querida.

— Desculpe, Majestade. Realmente não posso aceitar.

— Alana a envenenou contra mim.

— De maneira nenhuma! Alana o ama! E eu também! Mas tenho deveres. Tenho outros que amo...

— Mais do que a si mesma?

Ela hesitou. Aquilo era uma armadilha, sabia disso. Ele era o dono do labirinto, como o Bowie. Ela não podia se deixar enredar.

— Rod...

— Aqui é o melhor lugar para você, minha pequena princesa. E sabe disso. Veja, só vai sofrer se voltar para lá.

— Eu já tomei minha decisão, meu Senhor.

Ele sacudiu a cabeça:

— Pois está bem, então. Eu lhe darei mais uma chance. Mais uma.

Depois, bom, será adeus.

— Adeus? Mas...

— Eu preciso de você aqui comigo. E nada mais. — Ele sorriu — boa noite, Sarah.

O celular despertou e Sarah acordou em uma cama que não conhecia. Olhou em volta, assustada, sem saber como fora parar ali. O clichê da cena a assustou e ela se levantou de um salto. Ouviu uma voz divertida por trás de uma porta:

— Por Deus, meu amor! Por que diabos você acordou tão cedo? Está de

férias, esqueceu?

André saiu do banheiro, apertando a gravata e rindo para ela. Beijou-a nos lábios e passou a mão por seus cabelos:

— Juro que hoje saio cedo e poderemos viajar amanhã, está bem? Miguel já tomou café, ele está brincando no quarto, disse para ele ser bonzinho e não vir incomodar você.

— Miguel...?

— É. Acredita que consegui convencê-lo? Um bom papo de pai e filho e uma promessa de jogar no notebook quando eu voltar o fizeram mudar de ideia.

Ela sorriu. Devia estar ficando louca. Ele a envolveu pela cintura:

— Tenho que ir. Se eu não chegar cedo para revisar o caso, o Paulo vai ter um filho. E acho que seria parecido demais com ele para que valesse o risco.

— Ele a beijou nos lábios — prometo chegar antes das seis. Tchau.

Ele saiu do quarto apressado. Ela olhou pela janela e o viu sair com o carro, acenando, dando uma buzinadinha e desaparecendo.

Correu os olhos pelo quarto. Era muito bonito, mobiliado ao seu gosto, sorriu. Sentou-se na cama, quase por cima de algo que *parecia* ser um telefone celular. Um modelo estranho, que ela nunca tinha visto. E que marcava a data de 24 de agosto de 2019. Arregalou os olhos, meio que sem entender e depois se lembrou de Rodriel. Claro... Ele estava tentando provar que fora de seu mundo de prata ela não conseguiria ser feliz por mais de uma dúzia de anos. Era típico dele. Sentiu as lágrimas de raiva subindo aos seus olhos. Era típico dele...

— Mamãe!

A porta se abriu e um garotinho pulou em sua cama, rindo:

— Papai disse para que eu não incomodasse você! Mas você está acordada, então não estou incomodando, não é? Não é?

— Claro que não... Miguel.

Ele riu e a abraçou. Seu corpinho era quente e feliz. Parecia-se incrivelmente com André, os mesmos olhos escuros e o mesmo nariz de batata. Ela sorriu:

— Você vai ficar o dia todo em casa, não é mamãe?

— Sim, vou sim.

— Eba! O que vamos fazer hoje então?

— Hum... Podemos ir ao parque e ao cinema. O que acha?

- Siiiiim! Está passando *Aposentadoria de Monstros*, podemos assistir.
— Está bem — ela o beijou sobre os cabelos. — Podemos assistir.
-

O sexteto final chegou e passou e quando Sarah acordou estava no banco do passageiro do carro, com André assobiando a música que tocava no rádio. Quando o radialista retomou a palavra, Sarah o ouviu dizer claramente “domingo, 24 de agosto de 2025. Sol, com algumas nuvens, sem possibilidade de chuva...”

Mais seis anos.

Quando olhou pelo espelho retrovisor, viu Miguel, meio pálido e parecendo nervoso. Parecia ter uns dez anos e usava o uniforme de um time de futebol. Ao seu lado, uma garotinha fazia caretas. Dessa vez, os seus próprios traços eram visíveis no rosto da menina e isso a fez sorrir. A pequena retribuiu o sorriso, com seus muito brancos dentes de leite.

Ela mal notou quando chegaram à quadra e o jogo começou. Miguel era o camisa dez e, pelo que podia perceber, era o seu primeiro jogo. Não conseguia entender muito bem como podia ficar tão ansiosa pelo menino que conhecia há apenas um dia e nem a sensação quente que a tomava quando a garotinha, chamada Talita, pegava sua mão.

Sarah gritou e esperneou várias vezes durante o jogo, bateu palmas e quase chorou de alegria quando o menino, com um belo chute de fora da área, abriu o placar, comemorando de braços abertos e sendo abraçado pelos amiguinhos.

No final, seu time perdeu por 3 a 2, mas toda a família foi tomar sorvete e comer pizza, exatamente nessa ordem inversa e estranha. Quando chegaram em casa, pediram para que o computador transmitisse um filme e eles assistiram a dois desenhos do antigo estúdio Disney. Se Rod achava que seu casamento seria uma droga depois de dez anos, estava muito enganado...

No dia seguinte, mais meia dúzia de ciclos, como Sua Majestade diria,

tinham passado e ela foi levar o filho para prestar sua primeira prova para a Universidade. Mesmo depois de dezoito anos ainda existia vestibular! Ela ficou ligeiramente deprimida...

Talita tinha crescido bastante nesses seis anos. E André começava a ficar careca e ria disso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ainda estavam juntos o que a deixou bem contente e pareciam bem. Roeram as unhas durante as quatro horas de prova de Miguel, passearam por um parque, foram ao shopping, tomaram um lanche. E no final, voltaram para casa. Simples, mas sem maiores transtornos e sem chão de prata...

De seis em seis as coisas se passavam para ela. O sexteto passava. Miguel se formou em Letras, enquanto Talita estudava Direito. Nos outros seis anos, ela conheceu sua nora e sua primeira neta nasceu. Nesse tempo, os carros já flutuavam e o sistema de governo tinha mudado para o parlamentarismo. A música atual conseguia ser pior do que o saudoso funk e uma nova leva de escritores geniais havia nascido e formado uma Academia paralela. Os cientistas descobriram uma vacina para o HIV, mas um novo vírus havia surgido e matado muitas pessoas no sudeste da África. Era a bola da vez e vários médicos se mobilizaram para atender aos necessitados, incluindo o namorado de sua filha. A vida era tranquila, calma, serena. Rod tinha errado, ela fora feliz por trinta e seis anos.

Até aquele sexteto.

Ela acordou com o som de vozes murmuradas. Todos a olharam quando ela se ajeitou no banco, olhares piedosos e cheios de condescendência. Seu irmão pegou-lhe pela mão e ela a sentiu fria. *O que estava acontecendo?*

Usava preto.

Ele a ajudou a se levantar e seguiram em silêncio:

— Ainda bem que você conseguiu descansar um pouco. Tenho certeza de que André ficaria chateado se te visse assim...

Ela o encarou. *Ficaria?*

Seguiram por uma alameda e só então ela se deu conta de que estavam em um cemitério. Aquilo a fez começar a tremer. O que tinha acontecido? O que...

Pararam. Havia uma fileira de pessoas em volta de uma cova aberta. O caixão ainda era baixado e ela começou a tremer. *Não...*

Queria gritar. Berrar, espernear, mas ao invés disso abraçou o irmão. Queria perguntar o que havia acontecido! Procurou pelos filhos no meio da multidão e não os viu. Não os viu e isso a fez tremer ainda mais. Seu corpo foi tomado por espasmos e lágrimas estranhamente geladas. Foi aí que percebeu: ao lado do túmulo de André, em pedra branca, iguais, imutáveis e perpétuos, as lápides de Miguel e Talita. *Uma tragédia.*

Desmaiou.

Quando acordou estava em casa e o silêncio era terrível. Seu irmão dormia em uma cadeira e parecia ter envelhecido uns dez anos. Sabia que aquilo era impossível, os anos passavam de seis em seis e o seu sexteto ainda não tinha chegado... E ela não queria que chegasse.

Sentou-se. O quarto estava uma bagunça. Sobre a mesa, um jornal velho, de dois anos antes, anunciando uma tragédia. Um desabamento em um *shopping* perto das festas de fim de ano. Vários mortos, entre eles, Talita e Miguel, além da filha do rapaz e sua esposa. Mortos sob os escombros. Soterrados enquanto faziam compras. A dor pareceu rasgá-la e por um minuto foi difícil respirar. Depois André... Morto... Possivelmente de tristeza por ter perdido seus dois filhos.

Ser feliz por tanto tempo e depois... A dor...

Rod fizera aquilo, torturara-a, mostrando o quanto ela poderia ser feliz e depois... *A imortalidade cobra seu preço.* E a mortalidade também.

Levantou, cambaleando. Era o fim, seus filhos estavam mortos, seu marido, morto. Trinta e seis anos jogados fora, lançados ao vento, terminados. Queria vomitar...

Arrastou-se para o banheiro. Podia ouvir seu próprio coração. A imagem no espelho era velha, muito além dos sessenta que ela devia ter. Velha...

Dentro do armário, comprimidos para dormir. *Depois da morte dos meninos, veja, nada mais restou...*

Ela começou a chorar, colocou meia dúzia na mão direita e os engoliu, sem pensar em mais nada.

Quando o celular despertou às seis da manhã, ela se assustou com o som de *Midnight in Paris*. Estava em seu apartamento de solteira, com seu pijama com paletó de bolsos e com o rosto molhado por lágrimas de uma dor que viria. Dor antecipada. Começou a soluçar e a tremer, agarrou-se a si mesma, tremia tanto que seu corpo doía.

Pensou em não ir trabalhar, em procurar André, se agarrar a ele e nunca mais soltá-lo, nunca mais... Mas não podia fazer isso, ele perguntaria qual era o problema e a acharia louca. *Você vai morrer daqui a trinta e seis anos, depois de nossos filhos morrerem em um desabamento... E eu vou me matar para poder encontrar vocês...*

Louca.

Não. Ela se arrastou da cama e se arrumou para o trabalho. Tinha uma conta para fechar, uma grande propaganda para uma empresa do governo. Tinha de se distrair...

Estava no automático.

Almoçou ao meio-dia como sempre, sem sequer notar o sabor da comida. Voltou, teve uma reunião desastrosa com sua chefe e às seis horas ficou presa no ônibus pelo dobro de tempo realmente necessário para o trajeto. Sentia-se tão infeliz que podia morrer...

Quando chegou em casa, fez um balde de pipoca e ficou em frente ao computador, assistindo a vídeos divertidos no *Youtube*. Naquele momento, para ela, eram pretensamente divertidos. Quando a pipoca acabou, ficou brincando com o milho que não havia estourado. Tentou se distrair com eles. Quantos eram? Quantos caberiam em seu bolso? Por que será que não tinham estourado? Estava tão deprimida que poderia morrer.

Enfiou as mãos nos bolsos do pijama para que elas parassem de tremer e fechou os olhos. Queria falar com Rod, perguntar se ele estava brincando com ela, se queria torturá-la, seria isso?

Tinha um livro para ler, mas não quis sequer tocá-lo. Apenas esperou, esperou pela meia-noite, esperou por ela, que quando chegou, partiu sem qualquer mudança de luz, sem qualquer momento de prata, sem nada.

Sua frustração chegou ao ápice à uma da manhã. Chorava tanto que nem conseguia pensar direito. Toda a dor dali a trinta anos, toda ela, somada ao desespero de saber que não podia fazer nada para evitar, nada! Gritou contra o

travesseiro, até que estivesse rouca demais, sem ar, exausta.

Até que adormeceu.

O quarto onde Varsa sempre a recebia estava vazio. Sem criada, princesa ou vestido novo. Ela caminhou para a porta e a abriu, os sons do banquete eram audíveis ali e ela seguiu em direção a ele, sem se preocupar com seus pijamas ou seus pés descalços.

Tinha de encarar o maldito Rei do Labirinto!

A multidão se voltou para ela, vários já estavam sem máscara e bêbados. Algumas garotas já estavam prazerosamente apoiadas em seus parceiros, alguns jogos sensuais já haviam começado ali mesmo. Ela estava furiosa demais para prestar atenção em qualquer coisa que não fosse Rod.

Varsa se levantou quando a viu, foi correndo em sua direção. Hoje usava rosa e parecia uma menina de orelhas compridas, ela a segurou pelo braço:

— Não é uma boa hora, Sarah...

— Eu quero falar com seu irmão...

— Ele não está de bom humor hoje. Eu... — ela a empurrou delicadamente — eu contei para ele que não *posso* me casar, Sarah, por favor...

Ela se libertou do aperto da princesa e seguiu para o estrado. Viu Alana, usando uma máscara dourada, boquiaberta pelos seus passos decididos. Ela libertou o rosto para ver melhor a cena que viria a seguir.

— Rodriel, quero falar com você!

Agora era ele quem vestia azul. Um azul escuro que se tornava quase preto quando a luz mudava. Ele parecia irritado:

— Eu não chamei você aqui! Não quero falar com você! Saia!

— Você não tinha o direito de me mostrar aquelas coisas!

— Eu já disse para sair!

— Você mentiu sobre aquelas coisas! Nada daquilo era real! É um maldito mentiroso!

O salão ficou em silêncio, encarando a garota de pijamas e o Rei vestido em sedas escuras. Ele se ergueu, seu poder pareceu fazer a Lua se apagar, várias de suas antigas amantes se encolheram e Varsa, ao lado de Sarah, soltou um gemido:

— Sarah, vamos, por favor. Ele vai machucá-la, por favor...

Mais uma vez Sarah repeliu Varsa, estava irritada por ela defendê-lo. Estava irritada! Não era um fantoche, não era!

— Você não pode chamar o *seu* rei de mentiroso!

— Você não é meu rei.

Ele sorriu, dessa vez, seus dentes pareceram ameaçadores. Ele saltou a mesa com uma facilidade assustadora e a agarrou pelo braço.

— Quer falar comigo, então venha falar comigo.

Ele a puxou do estrado novamente em direção à sacada, mas desta vez, toda a gentileza havia desaparecido.

— Eu apenas mostrei o que vai acontecer. Aquele é o seu futuro! Não gostou do que viu? — Ele estava rindo dela, zombando.

— Você não tinha o direito de me mostrar aquelas coisas!

— Por quê? Ele vai te abandonar grávida? Ele vai te espancar é isso?

— Você sabe muito bem o que vai acontecer!

O sorriso de Rodriel foi lento e intenso, ele sacudiu os cabelos e seus olhos brilharam:

— Você vai ser feliz, você estava certa. Mas claro, deve doer quando *tudo* é arrancado de você. Deve doer. Mas como vocês dizem mesmo? “Que seja infinito enquanto dure”?

Ela quis esbofeteá-lo, arrancar-lhe os cabelos:

— Mas claro — continuou o Rei — você vai se torturar durante cada dia da sua vida, vai se torturar imaginando a dor que os seus garotos vão sentir. Quando vir seu filho marcando gols ou sua menina se formando na faculdade, vai só conseguir pensar nas horas de agonia sob as pedras, no ar acabando, nos ossos quebrados. E depois, *André*, o doce André cada vez mais deprimido, cada vez mais perdido e de repente, você estará sozinha.

— Você... É mentira! Você mentiu sobre tudo aquilo!

— Na verdade, devo ter quebrado meia dúzia de regras para mostrar para você como *será* a sua vida se não nos aceitar. Eu não sou um mentiroso, meu amor. Não. Eu jamais mentiria para você.

Ele a envolveu pela cintura e rastejou a mão livre por baixo do paletó:

— Não. — Ela prendeu a respiração ao senti-lo pressionando seu seio. — Eu não menti. Eu só mostrei para você a verdade. Uma verdade chata, com a qual terá de viver pelos próximos anos, aguentando em silêncio a dor antecipada de perder tudo. A dor de ficar sozinha. A *sua* dor. — Ela gemeu e

por um instante não soube se foi pelo toque dele ou por saber que o que ele dizia era verdade. — Você pode escolher agora. A escolha, meu amor, não é entre eu ou eles, é entre você ou eles. Você sofrerá. Só você. O fim deles — ele maneou a cabeça — mesmo o do seu querido noivo, será rápido comparado ao seu.

Ela o empurrou, a Lua o envolvia de um jeito delicado. Ela era mais uma de suas amantes. Mais uma. Mais uma vez enfiou as mãos nos bolsos, estava tremendo de novo. Como podia ser tão estúpida...

Naquele instante ela sentiu. Bastava que comesse, bastava que provasse algo para ser mandada para o outro mundo. Sentiu-se fraca. Podia fugir, mas agora, odiava tanto Rod, odiava-o tanto que queria matá-lo. Queria mandá-lo para o Inferno. E sentia, sentia, sentia aquele movimento em seus dedos, havia parado de tremer e sentia... Apenas sentia...

— Eu sou sua. Eu vou ficar.

Ele riu e a abraçou. Beijou-a na boca, sobre os olhos, no pescoço. Ele a desejava, desejava-a imediatamente e ela queria afastá-lo, mais do que nunca, queria que ele fosse para longe dela! A voz dele estava rouca quando entraram novamente no salão:

— Sarah vai ficar! Ela ficará! Tragam a sobremesa!

Seu pijama destoava das belas roupas do estrado, mas ela não se importava. Gostava dele, não quis trocá-lo quando Varsa a abraçou e lhe propôs um vestido. Não, gostava de seu pijama quente e queria ficar com ele. Precisava dele.

Dessa vez não era bolo. Era um mousse branco, também com as pequenas frutinhas alaranjadas por cima. Bonito, parecia delicioso. Ela se levantou no momento em que o criado se aproximou com a bandeja, tomando duas taças. Colocou-as sobre a mesa, todo o salão estava em silêncio, olhando para ela.

Rod se levantou e pegou-lhe a mão, ergueu-a e a beijou diante de todos:

— Juro, você será feliz aqui.

Ela não respondeu, passou uma das taças para ele, as frutinhas reluziam, como os olhos do rei.

— Bem vinda, meu amor. — Ele pegou sua pequena colher de prata e mergulhou-a no doce, lentamente, quase como se o gesto lhe desse algum prazer escondido. — Bem vinda!

Ele levou a colher à boca e todos no salão o imitaram. Todos, exceto Sarah que o esperou engolir e sorriu, um sorriso frio e cansado, mas um sorriso.

Rodriel se dobrou em dois e recuou, derrubando seu trono com um estrondo. Ele a encarou, sem entender o que estava lhe acontecendo. Que dor era aquela? O que era aquilo? Varsa se levantou e amparou o irmão. Ele a repeliu com o braço.

— Afaste-se! — Sua voz era rouca, engasgada. Sarah ainda sorria, levou a mão ao bolso do paletó do pijama e lançou sobre a mesa uma coleção de milho para pipoca mal estourada. Alguns negros, alguns marrons, alguns laranjas e brilhantes.

Os olhos de Rodriel se arregalaram e ele esticou a mão cheia de veias azuis em direção a Sarah:

— Você... — e desapareceu.

O silêncio do salão se transformou em uma gritaria. Parte dos convivas começou a gritar e a correr para a saída, outra parte demorou ainda alguns segundos para entender o que havia acontecido. Alguém, um membro da nobreza sentado no estrado, desmaiou. Alana riu de seu lugar:

— Você deu para ele comida humana!

E os guardas começaram a correr para o estrado. O coração de Sarah disparou, eles iam matá-la, ela mandara o rei para o mundo humano, sem prata, sem lua, sem imortalidade. Ele possivelmente não era nada mais do que um monte de pó. E os guardas vinham em sua direção...

— Não! — Era a voz de Varsa. Os guardas pararam, hesitantes. Varsa levantou do trono do irmão, seu rosto parecia tenso, sério. Ela se virou para seus convidados. — Voltem aos seus lugares.

Sarah piscou ao ver que todos a obedeciam. Alguns lentamente, outros surpresos, mas todos obedeciam. Todos. Varsa era a nova Rainha do Labirinto.

— Bom, eu acho que é isso, então.

Varsa sorriu, parecendo novamente a menina de orelhas compridas. Estavam sozinhas. Sarah e a nova e majestosa monarca.

— Sim e não. — Ela pegou as mãos da garota. — Obrigada, Sarah, e desculpe.

— Pelo...

— Rodriel queria te torturar por mais alguns dias, deixando você desesperada o suficiente para que quando chegasse aqui, se entregasse para ele. Eu... — Ela pareceu envergonhada. — Eu a chamei aqui, sabia que você faria alguma coisa, você não é como as outras garotas dele... — ela sacudiu a cabeça. — Ele descobriu sobre Alana e eu, ia matá-la depois do banquete.

— Você me usou — foi suave, uma acusação que não soou como uma. Saiu quase como uma carícia, um agradecimento.

— Sim. Desculpe.

Sarah a encarou. Varsa parecia muito, muito jovem. Não tinha ideia de quantos anos ela teria, quantos séculos, mas ainda assim parecia uma adolescente.

— Esqueça.

— Você... Vai voltar para casa?

— Vou. Vou, no final das contas, nunca se sabe o que pode acontecer. E André... Bom... “Que seja infinito enquanto dure”.

Varsa sorriu e a abraçou.

— Você será sempre bem vinda aqui. Eu estou em dívida com você e... — ela lhe entregou uma caixa, dentro dela, uma dúzia de pequenas frutinhas laranjas — Se um dia mudar de ideia, eu a receberei.

— Obrigada Varsa. Muito obrigada.

Acordou ao meio-dia e não foi trabalhar.

Uma dúzia de anos se passou quando Varsa, a Rainha do Labirinto, foi receber sua amiga Sarah nas portas de seu castelo. Seu marido estava com ela, assim como seus dois garotos sorridentes. Teve de sorrir ao ver suas orelhas despontando debaixo dos cabelos dos quatro.

Eles tinham vindo para ficar.

Jessica Borges, 24, é aluna do último semestre do curso de Letras. Nasceu em São Paulo e é ainda uma iniciante no mundo das publicações. Adora ler, chocolate e cães, com a ordem variando no dia a dia. Acha escrever uma arte complicada, mas acredita que eventualmente vai acabar aprendendo.

Leia a entrevista que fizemos com a autora.

GALERIA: EDMAR NUNES DE ALMEIDA





Compartilhar
um Super é:

Amizade

!o
energia!

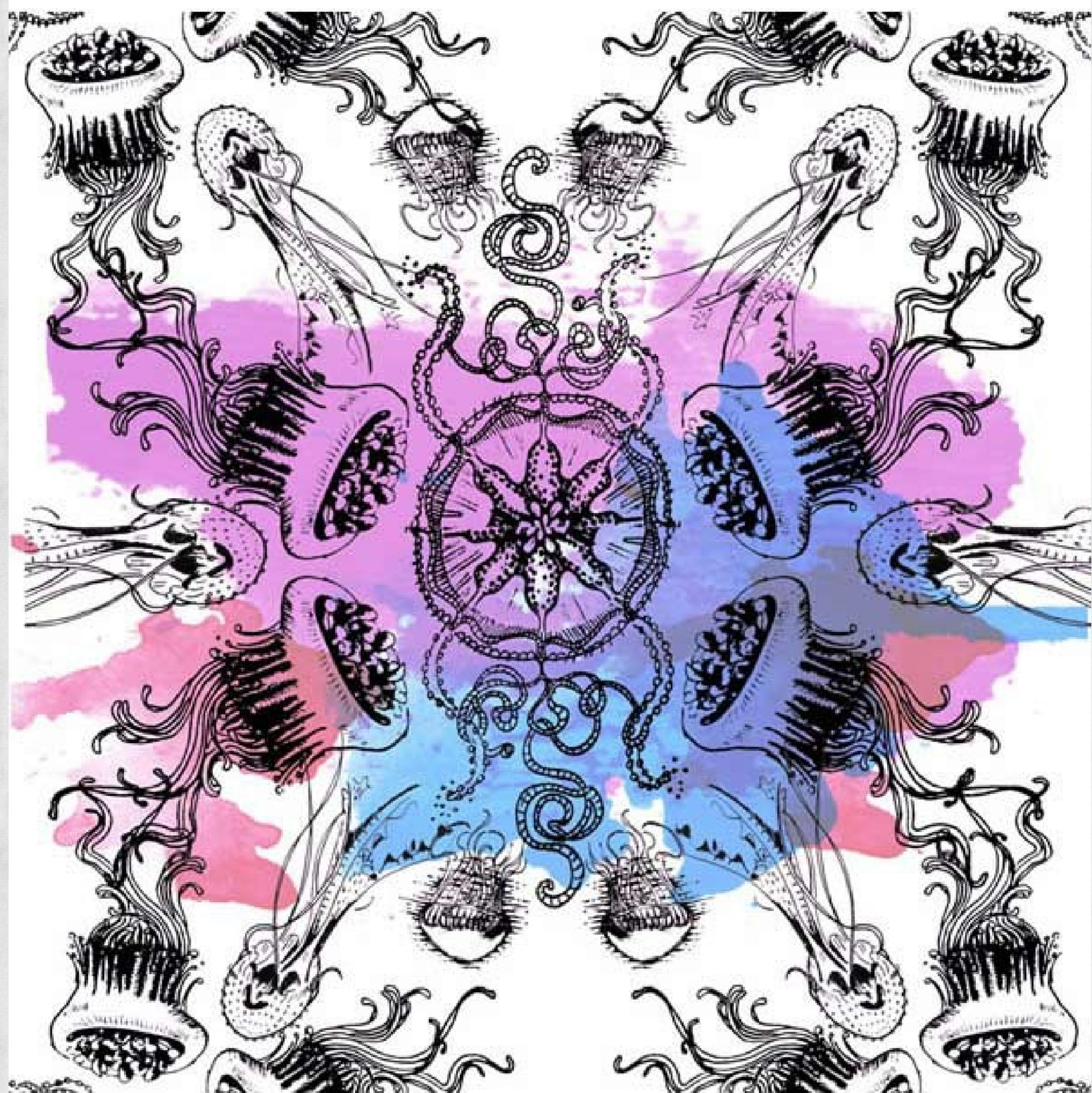
ENERGIA

FORÇA

Saúde

!o







2^a Feijoada d'Ajuda

**TODOS JUNTOS,
EM UMA SÓ MESA.**













ENTREVISTA: EDMAR NUNES DE ALMEIDA



Edmar Nunes de Almeida é ilustrador e diretor de arte. Formado em Design, fez curso de Moda e cria tanto trabalhos mais livres quanto estampas e figurinos.

A capa da Trasgo lembra um cenário de contos de fada, da menina que acorda em um mundo diferente.

Como foi pensar nesta capa?

Estar em um mundo diferente também é como uma fuga da realidade e por isso mesmo ele tem que ter sempre um toque surreal, luzes misteriosas, plantas estranhas e cores contrastantes. Eu pensei muito em Alice no país das maravilhas e Coraline, dois dos meus filmes fantasia favoritos nesse enredo.

Você tem trabalhos em estilos e técnicas muito diversas, como cartoon, criação de estampas, desenho de moda. Qual seu estilo favorito?

Na verdade flerto com muitos estilos para poder ganhar repertório como artista. Seria injusto falar de um estilo preferido, quando algo sai bom de verdade não importa se era cartoon ou hiperealismo a gente se contenta com o resultado e é o que importa.

E em relação à técnica, você trabalha com ilustração digital, aquarela, o que mais? O que você prefere?

Trabalho com giz pastel, nanquim, lápis de cor e canetas hidrocor também. Com relação a preferência, a mesma questão do estilo se aplica aqui: não há uma técnica favorita, mas sim o momento ideal para cada coisa. Há dias em que a aquarela me deixa satisfeito, outros dias não. A técnica deve ser o suporte da arte, quanto mais você evoluir a técnica mais apto estará a se expressar, porém cada um das técnicas tem sua faceta particular e é trabalho do artista perceber qual se adéqua mais a suas necessidades.

Você trabalha na área da publicidade. Qual a diferença entre criar com um objetivo mais focado e a produção livre?

A diferença principal entre o trabalho livre e o profissional de criação é que temos que trabalhar com prazos, o que nos faz, por vezes, usar métodos para

criar que são convenções e que sabemos serem boas soluções. Quanto a criação livre podemos nos aventurar em outros campos e não temos necessariamente que chegar a uma boa solução, ele só acontecerá se aquilo valia realmente a pena. Claro que também acontece de um trabalho com prazo apertado e restrições de cliente ficar muito bacana. São esses que me dão mais orgulho.

Quais são suas referências e artistas favoritos?

Minhas referencias como artista vem de todo tipo de área, gosto muito, por exemplo, de tudo que Clarice Lispector escreveu, hoje ela se tornou referencia na minha criação mesmo que usemos suportes diferentes pra arte. Mary Blair, que foi ilustradora da Disney nas eras douradas do estúdio, é outra, o jeito como ela traduz arte é muito particular, mesmo vendo influencia de Matisse e Picasso em seu trabalho é ela quem está ali. Saul Steinberg, ilustrador do The New Yorker é uma paixão antiga, pra mim ele é o cara que conseguiu unir artes plásticas e poesia escrita em um conteúdo só, meu ídolo para a eternidade.

Há algo mais que queira contar nesta entrevista?

Sou apaixonado pelo o que faço e meus desenhos já contam muito sobre mim. Com eles eu consigo me expressar. Já com as palavras, continuo tropeçando

Quem quiser encontrar mais trabalhos seus, ou encomendar alguma coisa, qual o caminho?

Instagram: edalmeida

Behance: Ed_Almeida

ENTREVISTA: GERSON LODI-RIBEIRO



Por Vanessa Guedes

Gerson Lodi-Ribeiro publicou as noveletas na *Asimov's* brasileira: *Alienígenas Mitológicos* e *A Ética da Traição*. Autor das coletâneas *Outras Histórias...*; *O Vampiro de Nova Holanda*; *Outros Brasis*; *Taikodom: Crônicas* e *As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, e dos romances *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas* e *Aventuras do Vampiro de Palmares*. Seu romance *A Guardiã da Memória* foi vencedor do Prêmio Argos de Melhor Romance em 2012. Criador do universo ficcional *Taikodom*. Antologista de *Phantastica Brasileira*; *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*; *Erótica Fantástica 1*; *Vaporpunk*; *Dieselpunk*; *Solarpunk* e *Super-Heróis*.

Quais foram suas inspirações para abordar temas como solidão e imortalidade, mesmo que brevemente, nesse último conto?

Basicamente, imaginei que a imortalidade sem companhia constituiria uma experiência tediosa. Uma coisa é viver numa sociedade na qual a maioria dos cidadãos é imortal ou, colocando de outra forma, a imortalidade é uma questão de escolha. Agora, essa temática, relativamente comum na ficção científica, da imortalidade como experiência solitária, daquele ser único que assiste seus entes queridos partirem da vida um a um, enquanto ele permanece imutável, velando pelo destino da humanidade, sempre me soou algo apavorante, quando você se coloca no lugar desse imortal.

Você é um ótimo "articulador de palavras", digamos assim. Vimos muitas coisas interessantes no seu texto, como a criação de verbetes completamente novos. Como foi o processo de empregar essas palavras na narrativa?

A ficção científica é um gênero que se caracteriza não apenas pelo emprego de neologismos, mas, sobretudo, pela tradição de seus autores compartilharem esses neologismos entre si. De fato, em "Rendição do Serviço de Guarda", eu criei alguns neologismos. Mas a maioria dos neologismos que usei foram criados por outros autores, como "xenologista" e "ciência solariana".

Como é empregar essas palavras no meio do texto? Bem, esta é uma prática algo comum entre vários (mas não todos) os autores de ficção científica. Dependendo do tipo de narrativa, emprego mais ou menos neologismos.

Quais foram os neologismos que você criou em "Rendição do Serviço de Guarda"? Qual foi o processo para encaixa-los de modo palpável na narrativa?

Alguns exemplos de neologismos: "holotanque" (apropriado); "Guerra Natural" (criado); "gravitosfera" (criado); "humanólogo" (criado); "Liga das Espécies" (apropriado); "hipercom" (apropriado); "solariana" (apropriado); "gerente-de-bordo" (criado); "programa-mestre" (apropriado); etc. Procuro encaixar esses neologismos dentro da narrativa da forma mais natural possível, de maneira que eles façam sentido para o leitor através do contexto. Ou seja, embora se tratem de palavras novas, a princípio desconhecidas ao leitor, devem fazer sentido, se não imediatamente, então, pelo menos, ao longo da leitura. Claro que boa parte desses ditos neologismos constituem parte de um jargão compartilhado por autores e leitores de ficção científica, sobretudo do subgênero FC hard. Com o tempo, leitores afeitos a tal subgênero adquirem proficiência considerável nesse tipo de jogo.

Você também usa um vocabulário um pouco rebuscado, que nos dá a sensação de trazer o leitor para dentro de de um jogo entre ação e inércia (algo que lembra vagamente alguns livros da Ursula LeGuin, inclusive). Você planejou produzir esse efeito?

Sinto-me feliz que meu texto tenha lembrado dos trabalhos da LeGuin, mesmo que vagamente. (risos) Mas, não. Não planejei esse efeito. Ao menos, não conscientemente. Procurei contar a história que pretendia contar o melhor possível. E, ao transcrever essa história como texto impresso, tentei empregar as palavras e frases mais precisas possíveis para fazer com que o leitor visualizasse a narrativa.

Como você criou os nomes dos personagens? De onde eles vem? Principalmente o Krezstul.

Krezstul é meio óbvio, se lembrarmos os papéis históricos que ele desempenhou. Agora, de maneira geral, procuro escolher nomes de personagens que sejam significativos para mim, esperando que se tornem também significativos para o leitor.

Como você fez a pesquisa para escrever sobre e descrever os acontecimentos históricos remontados nos contos?

No caso específico deste trabalho, escrevi o primeiro rascunho direto, sem grandes pesquisas, só com o conhecimento histórico que eu tinha na cabeça. Claro que isto me levou a cometer uma série de erros. Na primeira vez em que reescrevi o rascunho, para transformá-lo em algo minimamente legível, pesquisei as questões específicas relevantes de História para a narrativa e implementei as mudanças e correções necessárias.

Você costuma ler muita ficção fantástica? Quais são seus autores favoritos, nacionais e internacionais?

Sim. Leio muito, e mais da metade dos livros que li até hoje foram de literatura fantástica. Sem me estender muito, alguns dos meus favoritos são:

Lusófonos – Antonio Luiz da Costa; Carlos Orsi; Fábio Fernandes; Flávio Medeiros; João Barreiros; Jorge Candeias; Luís Filipe Silva.

Estrangeiros – Charles Stross; Clifford D. Simak; Gene Wolfe; Harry Turtledove; John Varley; Octavia Butler; Philip José Farmer; Robert Sawyer; Robert Silverberg; Ted Chiang.

Quando e onde você costuma escrever? À mão, no computador, sentado em um café, em casa, no final do expediente...?

Escrevo sempre que possível. Em todos os lugares que puder. Em casa, em viagem, na rua. Normalmente escrevo de manhã, antes de ir para o trabalho e à noite, depois de voltar para casa. O primeiro rascunho é sempre à mão. A partir do segundo, digitado no micro. Em geral, a primeira revisão e a segunda são as que produzem mais mudanças e correções. A partir daí, nas revisões posteriores, há menos coisas a mudar. A não ser quando o editor propõe mudanças ou você decide transformar o conto de algum modo, aumentando ou diminuindo o tamanho, mudando o ponto de vista, alterando o foco narrativo, modificando a personalidade de um personagem. Nesses casos, é preciso reescrever quase tudo outra vez.

Como você ficou sabendo da Trago? O que você acha do cenário atual da literatura fantástica, e não só de ficção científica, no Brasil?

Um amigo comum me colocou em contato com o Rodrigo van Kampen, editor da Trago, que gostou do meu conto “O Voo do Ranforrinco”, publicado numa das últimas edições do Somnium e me perguntou se eu não teria textos

do mesmo tipo para a revista. O cenário atual da literatura fantástica brasileira é promissor, ao menos em comparação com o que havia antes de 2009. Contudo, a ficção científica em si é atualmente uma espécie de “patinho feio” do fantástico nacional.

Como a sua carreira acadêmica contribui para sua carreira literária? Você se vê como um escritor privilegiado tendo suas graduações nas áreas de Ciência e Engenharia?

De fato, duas graduações em ciências exatas ajudam um pouco a escrever o tipo de ficção científica que eu gosto de produzir. A coisa flui mais naturalmente, sem que eu precise quebrar a cabeça pesquisando muito para a construção do universo ficcional em si. Por outro lado, convém lembrar que há diversos escritores de FC hard excelentes que não possuem formação acadêmica nas exatas, como, por exemplo, Greg Bear, Harry Turtledove, etc, que suprem essa pretensa “deficiência” com pesquisa. Em resumo, o mais importante para criar verossimilhança é fazer seu dever-de-casa direitinho. Sei disso porque em história alternativa – o outro subgênero da literatura fantástica em que milito – preciso ler e pesquisar um bocado para criar meus universos ficcionais. Mas é um trabalho que faz parte do processo e que vale a pena.

Você encontra mais sobre o Gerson Lodi Ribeiro no Twitter: @gersonlodi e no blog Crônicas da FC Brasileira: alternative-highwayman.blogspot.com.br/.

Vanessa Guedes escreve desde que aprendeu a ler, mantém um tumblr com alguns contos fantásticos, e está escrevendo seu primeiro livro. Além disso, nas horas vagas, é programadora, marceneira, cozinheira, costureira, e empresária. Misscripta.tumblr.com

ENTREVISTA: ÉRICA BOMBARDI



Érica Bombardi é Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Editoração (ECA-USP). De 2000 a 2011 trabalhou como coordenadora editorial na editora Autores Associados, em Campinas. Desde 2011 escreve ficção, faz freelance em edição de texto e presta consultoria em coordenação editorial.

Em 2012, publicou o livro de fantasia Além do deserto, com apoio do PROAC. Em 2013, seu conto "Antes do Fim" foi segundo colocado no Concurso Literário Prêmio Sindi-Clube de Poesia, Crônica e Conto (parceria entre Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo e Academia Paulista de Letras) e será publicado em coletânea. Mais no [LinkedIn] (<http://www.linkedin.com/pub/erica-bombardi/2b/190/58b>)

Em primeiro lugar, gostaria que comentasse um pouco sobre a música "Vivo, Morto o X", de Luciano Ligabue, que inspira o conto.

Fiz uma oficina com Andrea Del Fuego, no Sesc Campinas, em que ela dizia que exercitava sua escrita com provocações visuais, como fotografia ou filme. Com base em uma foto, ela escrevia um conto. Em outra oficina, Marcelino Freire nos deu outro exercício: escrever um miniconto com base no horóscopo do dia, desses publicados em periódicos. Raimundo Carrero, em seu livro sobre a ficção, diz que ele coleciona "chamadas" de notícias populares de jornal. O ponto de partida pode ser qualquer um.

A música de Ligabue fala sobre não se ser convidado a nascer, que não podemos escolher. Então, eu pensei, não escolhemos nascer, mas a vida que levamos é consequência de nossos atos, nossas escolhas. Vivemos conforme escolhemos viver, conforme nossos princípios.

Ana me pareceu uma versão mais sádica da Morte do Sandman. Como foi criar os personagens, Ana e Guilherme de Alcântara?

Adoro Neil Gaiman. Ele é um hábil contador de histórias. A Morte, em Sandman, é a mais sensata dos irmãos, pode-se dizer que ela tem até piedade e que, ao contrário dos outros irmãos, consegue exercer suas atividades com serenidade. A morte, a meu ver, é a personagem mais

equilibrada. É ela quem aconselha Sandman.

A "Ana" do conto não é serena e não é sábia. Sim, acho que ela pode ser vista como sádica. Ela pode ser fisicamente como a Morte, mas também como uma garota gótica. "Ana" parece querer apenas se divertir um pouco, sem escrúpulos.

O "Guilherme de Alcântara" é um jovem que não parou para pensar em seus princípios. Dizem que a "infância é uma guerra perdida", acho que o passado todo o é. Não podemos mudar nossos maus ou bem feitos, e, teoricamente, eles constroem nossa personalidade. Mas, ainda assim, é nossa a escolha sobre qual caminho enveredar.

Sua escrita é bastante fluida, sem se perder em devaneios ou longas descrições. Você tem uma grande produção de textos guardada em alguma gaveta?

Tenho, sim, textos finalizados guardados. Mas também abandono muitos textos pela metade. Antes gostava de narrativas longas, mas tenho me encaminhado para um estilo mais despojado.

Seu romance de estreia, "Além do Deserto", foi vencedor do PROAC em 2011, e muito bem avaliado em resenhas online. Pode contar um pouco mais sobre ele?

Comecei a escrever "Além do deserto" na faculdade, era um conto de duas páginas. Ao arrumar a papelada da faculdade, uns cinco anos depois, na faxina, reencontrei minha produção antiga e a reli. A partir daquele conto, comecei a imaginar uma história e, depois de rascunhá-la em esquemas, comecei a escrever. Eu escrevia cada capítulo e o enviava para minha irmã ler. Com base nos comentários dela, eu reescrevia. O processo até o fim da primeira redação foi de um ano. Enviei o livro para "leitores-beta". Depois de mais uns quatro anos, eu coloquei o livro no edital, mas não teria feito isso se eu não estivesse em casa em licença-maternidade, com um pouco de tempo livre.

Ao ver o resultado positivo do edital, corri para terminar de uma vez o livro e, sem tempo hábil para a produção normal de uma editora, eu mesma editei o livro.

Você está trabalhando em algo que possa nos adiantar?

Sempre estou escrevendo. Acabo de escrever uma história contada a partir

de cartas. Gosto muito do gênero epistolar, pois nele não há narrador, e a própria estrutura obriga a história a ter vários lapsos, imprecisões, levantar muitas dúvidas. Tenho, ainda, uma ficção científica (romanceada e leve, para jovens leitores) pronta, mas sem editora para publicá-la.

Quem quiser conhecer mais do seu trabalho, ou ver mais sobre "Além do Deserto", quais os links?

Fiz um blogue há um tempo: ericabombardi.wordpress.com, e há o booktrailer produzido com muita competência pelo pessoal da Animar Estúdio. Tenho também uma página no facebook. O livro está à venda em algumas livrarias ou diretamente comigo (pelo e-mail alemdodeserto@gmail.com). Não coloco meus textos na internet, talvez no futuro faça um blogue com eles, ainda não sei.

ENTREVISTA: ADEMIR PASCALE



Ademir Pascale é escritor e ativista cultural. Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes "Nouvelles du Brésil", publicado na França pela editora Reflets d'ailleurs. Fã n° 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs.

Quais as referências e inspirações para Isaac?

Isaac é um nome bíblico. Ele foi um dos três patriarcas israelitas, um dos filhos de Abraão e o único filho de Sara. O seu nome significa "alegria", ou mesmo "riso", pois nasceu quando sua mãe já havia cessado o seu período fértil. Um milagre. Daí veio a inspiração para o meu conto, pois ele tinha que ser a peça central, o pivô para um novo recomeço na humanidade. Um verdadeiro milagre em meio ao caos instaurado.

Isaac tem traços bastante humanos, como impaciência e piedade. Por que não um androide frio e calculista?

Isaac é diferente dos outros androides, especialmente por carregar sentimentos e traços humanos. Na realidade até mais humano do que os próprios humanos. O lado frio e calculista deixo para os humanos mesmo. ;)

Você tem uma série de livros publicados de modo independente ou por editoras. Qual o mais importante para você?

Sem dúvida foi "O Desejo de Lilith", publicado pela Draco em 2009. Criei um universo para o livro, onde demônios e anjos caídos perambulam pelas ruas de São Paulo. Coloquei nesta obra tudo o que mais gosto, como rock, personagens históricos que sempre aguçaram a minha curiosidade, como Platão, Vlad Tepes, Erzsébet Báthory, John Milton, Thomas Chatterton, Mary Shelley, Percy B. Shelley, Robert L. Stevenson, e também personagens mais recentes da história, como Jim Morrison e Kurt Cobain. Isso tornou um trabalho mais prazeroso, escrever sobre o que gosto, fazendo ligações entre os personagens e a trama. E até hoje, quase 5 anos depois do lançamento, recebo mensagens de leitores perguntando se o livro terá uma continuação.

Você organizou uma coletânea de contos inspirados por Edgar Allan

Poe. Pode falar um pouco sobre ela e a influência de Poe em sua escrita?

Na realidade foram dois livros que fiz inspirados em Edgar Allan Poe: “Poe 200 Anos” (All Print) e “Nevermore – Contos inspirados em Edgar Allan Poe” (Editora Estronho). Estudei a vida do Poe na faculdade e posso afirmar que a inspiração em ser escritor veio 50% dele. A sua vida pessoal, que não foi nada fácil, e a sua criatividade, tornaram-me fã nº 1 dele. E já tem até uma editora interessada para que eu faça um terceiro livro sobre Poe.

O que é o projeto Fantastiverso?

Fantastiverso é uma criação minha e do Marcelo Bighetti, onde expomos nossos universos. O Marcelo disponibiliza o “Kolob” e eu “Caçadores de Demônios”, sendo que este meu universo veio do meu romance “O Desejo de Lilith”. Para os leitores que desejarem conhecer o nosso trabalho e baixarem os e-books gratuitamente, deixo aqui o link: fantastiverso.com.br.

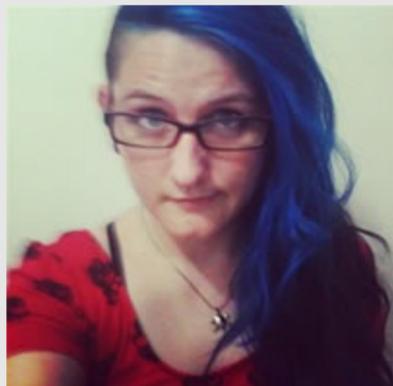
Há algo no qual você tem trabalhado ou que esteja para sair que possa nos contar?

Sim, é a continuação do romance “O Desejo de Lilith” que será publicado pela Draco. O título será “Caçadores de Demônios”. Escrevi esse romance em 2013 e desde então está na editora. Fechei contrato no início de junho/2014, mas ainda estou aguardando por uma data ou mais notícias sobre o lançamento, assim como a capa. Para quem quiser saber mais, é só acessar o blog da editora Draco.

Qual os locais indicados para quem deseja conhecer melhor o seu trabalho?

No meu blog pessoal: odesejodelilith.blogspot.com.br e nas redes sociais Facebook: [ademir.pascale](https://www.facebook.com/ademir.pascale) e Twitter: [@ademirpascale](https://twitter.com/ademirpascale).

ENTREVISTA: MARY C. MULLER



Mary é uma garota estranha que gosta de coisas esquisitas e nunca tentou comer aipo. Gosta de gatos e costuma entender a gramática felina com mais facilidade do que o esperado. Autora de um livro infantil chamado “Eu queria ser um dinossauro”, também já ilustrou o trabalho de outros autores. Seus contos “102A” e “O que os gatos dizem” serão publicados em breve em coletâneas. É designer gráfica especializada em projetos editoriais e mora em Belo Horizonte com seu marido e uma gata caolha que ouve hip hop.

"Estive assombrando seus sonhos" parece se passar no mesmo universo da sua obra "Desmortos". Como surgiu, quais são as referências a este cenário?

Desmortos começou em 2011 como algo muito simples. Seria um conto sobre um menino que desenterrava uma zumbi no cemitério local. Depois que comecei a pesquisar mais para escrever, a história tomou outras proporções e introduzi os personagens da banda e da república, o que fez com o universo ficasse maior.

Na época que estava escrevendo me recomendaram o seriado Being Human, que se tornou uma grande referência para os relacionamentos dos personagens com o mundo sobrenatural. Além do seriado, o livro tem muito do álbum Oh My love, da banda Mother Mother e Weather Systems, do Anathema. Os dois álbuns resumem muito da história.

A ideia de espíritos vagantes que não aceitam ou compreendem que não estão mais encarnados é comum nas religiões espiritualistas. Você acompanha alguma delas, ou pesquisou sobre o assunto para escrever?

Parte da minha família é espírita, então desde criança acompanho a religião, mas para o universo de Desmortos eu ignorei muitas das coisas que aprendi sobre o espiritismo, quebrando várias regras e fazendo uma fantasy kitchen sink, colocando várias criaturas sobrenaturais na mesma história. Eu não queria fazer nada que lembrasse alguma doutrina ou religião específica.

Há algum motivo especial para o trecho de "Ghosting", do Mother Mother citado?

Esse álbum foi muito importante para mim ao criar o universo de Desmortos por uma série de motivos, e essa música em particular sempre me lembra o Felipe, personagem do conto.

Quais são as suas principais inspirações, livros e autores favoritos?

Na literatura, minha principal inspiração é Diana Wynne Jones. Tudo o que ela faz, para mim é simplesmente incrível. A música também é uma das minhas grandes inspirações, tudo o que eu faço sempre tem relação com música.

Além da Trasgo, você tem outros contos para sair em coletâneas. Pode contar um pouco mais sobre eles?

Um dos contos é o "102 A", para a coletânea Nós Estamos Aqui. É uma história sobre uma menina apaixonada por um menino que pega o mesmo ônibus que ela para ir para a escola. O outro é "O que os gatos dizem", uma menina que precisa ajudar um grupo de gatos falantes a salvar um amigo. Este segundo é um conto mais infantil, e um dos que mais me diverti escrevendo.

Você queria ser um dinossauro?

Com toda certeza do mundo. Ser um dinossauro é muito mais legal que ser uma pessoa.

Há algo mais em que esteja trabalhando que pode adiantar para a gente?

Terminei faz pouco tempo um romance juvenil sobre um garoto com uma mãe alcoólatra e muito em breve devo liberar na Amazon uma coletânea com cerca de 6 ou 7 contos juvenis. Cada um deles baseado em uma letra de música. O próprio Desmortos está pronto, mas paradinho no canto dele.

Há algo mais que queira divulgar nesta entrevista?

Queria divulgar que eu gosto muito de pizza de chocolate e toddynho.

Quem gostou do seu conto e quiser conhecer mais sobre os seus trabalhos, quais os links?

Eu tenho uma conta no wattpad onde as pessoas podem ler o começo de

meus dois romances e link para o Eu Queria ser um Dinossauro, que está livre na internet para leitura, mas que possui também uma versão impressa para quem quiser presentear ou ter em casa. Para aqueles que curtem meu trabalho com ilustração, podem me seguir no Behance ou no tumblr.

Wattpad: MariaClaudiaMller

Behance: marycmuller

Tumblr: chocolatemary

ENTREVISTA: FRED OLIVEIRA



Fred Oliveira é gastrônomo por profissão, historiador por predestinação, comediante por inconveniência e escritor por insistência. Atualmente escreve contos de horror e ficção científica e pretende lançar um livro em cada gênero. Um dia. Cria um gato preto e rabugento chamado Azeviche e adora Literatura Especulativa.

"Arca dos Sonhos" mostra um pequeno momento de uma viagem espacial interminável em uma enorme nave, tema querido por escritores e leitores de ficção científica. Quais os seus favoritos nesta vertente?

Talvez a maior obra nesse estilo seja a série literária Rama, de Arthur C. Clarke, na qual uma enorme nave chega até o nosso sistema solar em um futuro bastante próximo. A tripulação e os criadores do veículo, praticamente um mundo auto-contido, são desconhecidos, bem como suas intenções, ao menos inicialmente, e sua jornada parece jamais cessar. Acho que a temática da viagem ao desconhecido, os problemas e perigos envolvidos, são algo que acompanha o ser humano há séculos, como é o caso da Ilíada, de Homero, ou dos Lusíadas, de Camões. Basicamente, falamos de homens e mulheres (ou outras espécies e gêneros) se lançando em uma aventura que busca desvendar um mistério transcendental, algo que valha a pena sacrificar felicidade, amor, sanidade ou a própria vida.

E outras referências literárias e inspirações suas?

Essa é uma pergunta que renderia dias inteiros de conversa. Meus maiores ícones, especialmente durante a minha adolescência e período de descoberta da FC, foram Clarke e Asimov, como creio acontecer com muita gente ainda hoje em dia. Mas também fui muito influenciado por filmes como as sagas Guerra nas Estrelas e Alien, além de quadrinhos, como Homem-Aranha, X-Men e boa parte do universo cósmico da Marvel, mais bem representado pelo Quarteto Fantástico e o Surfista Prateado. Fora da FC, sou fascinado por boas histórias de horror, onde o sobrenatural perpassa narrativas de mistério, loucura e morte. Aí, também me volto aos clássicos, como Mary Shelley, Edgar Allan Poe e Lovecraft, que tem me inspirado bastante nos últimos

tempos. Também sou um grande fã de Fantasia e acho que nem preciso citar a força de Tolkien nesse departamento, além de sempre ter sido um grande fã de M.Z. Bradley. Para não ficar apenas nos clássicos, recomendo a leitura de autores como Vernor Vinge, Dan Simmons, André Vianco, Roberto Causo, Carlos Orsi, Brian K. Vaughn, Neil Gaiman, George R. R. Martin, entre outros. Finalmente, gosto muito de histórias, sejam elas de FC, Fantasia, Horror, Romance, Drama, Comédia ou o que quer que seja. Fossem os causos de mal-assombro que meu avô contava ou os livros da coleção Vaga-Lume que eu desenterrava na biblioteca da escola, sempre fui um leitor (e um espectador) muito voraz.

Há algum motivo especial na escolha do poema de Henley no começo do conto?

Para começar, é simplesmente um poema belíssimo, porém com poucas boas traduções para o português. Como fui professor de inglês por muitos anos, me dei o desafio de fazer uma versão que me parecesse respeitar mais as palavras e intenção do original. Além disso, Henley fala, no seu Invictus, sobre vencer contra chances esmagadoras, sobre tomar as rédeas do próprio destino apesar de todas as dificuldades, sobre seguir em frente, custe o que custar e ainda ser grato por essa determinação. Achei que se encaixava perfeitamente com a busca empreendida pelo Capitão que protagoniza a história.

Como geralmente é seu processo criativo, e como foi construir "A Arca dos Sonhos"?

Eu sou muito inquieto e costumo ter várias ideias, que procuro anotar sempre que posso, porque também sou muito desmemoriado. Mas, como dizem por aí, uma ideia não é uma história, é preciso encontrar um objetivo, um plano, personagens que mudem ao longo da narrativa. Em suma, é necessário envolver o leitor e fazer com que ele se importe o bastante para ler até o final, e isso se faz com uma narrativa interessante, personagens com um mínimo de profundidade, alguns conceitos originais e bastante esforço. Um professor de história meu, da época do Mestrado, costumava dizer que não tem essa de esperar a musa aparecer para se inspirar: é preciso escrever sempre, escrever sem parar, escrever mesmo quando não se está muito certo de para onde a narrativa está caminhando. Escrever é um prazer, uma arte,

mas também é um trabalho e não se pode se render ao pânico de eventuais páginas em branco.

No que mais tem trabalhado? Há algo mais que queria divulgar nesta entrevista?

Sou Mestre em História e recentemente ingressei um doutorado, na mesma ciência. Estou lançando um livro de não-ficção, minha dissertação que trata das influências francesas no Recife no começo do século XX. Sairá pela CEPE e estará disponível, provavelmente, em novembro deste ano. Tenho escrito muitos contos de Horror ultimamente e estou trabalhando em uma antologia própria, a ser lançada quando o mercado nacional passar a se interessar mais por esse tipo de literatura (pode demorar um pouco). Tenho outros contos de FC engatilhados e estou trabalhando em um livro que pode se tornar uma trilogia, envolvendo uma guerra futurista contra um inimigo misterioso em um Brasil que não é mais exatamente o lugar que já foi. Também costumo escrever textos bem-humorados e já mantive um blog, hoje desatualizado, chamado Blog da Reclamação, com algumas centenas de histórias curtas no gênero da comédia. Ele ainda está lá, abandonado, mas vivo. Também escrevo sobre alimentação infantil para a Revista Acene.

Quem deseja saber mais e conhecer melhor o seu trabalho, onde encontra?

Estou estudando criar uma página no Facebook para os meus textos mas, por enquanto, quem quiser ler mais coisas de minha autoria pode visitar, como já mencionei, o Blog da Reclamação. Além do conto na Revista Trasgo, deve sair mais um de FC na Revista Somnium, do Clube de Leitores de Ficção Científica, lá por setembro ou outubro. Finalmente, é possível encontrar alguns contos de Horror de minha autoria no blog pernambucano Recife Assombrado. Recomendo a leitura do A estrada Dela, um dos meus favoritos.

ENTREVISTA: JESSICA BORGES



Jessica Borges, 24, é aluna do último semestre do curso de Letras. Nasceu em São Paulo e é ainda uma iniciante no mundo das publicações. Adora ler, chocolate e cães, com a ordem variando no dia a dia. Acha escrever uma arte complicada, mas acredita que eventualmente vai acabar aprendendo.

O conto é claramente inspirado no filme Labirinto, mas com uma abordagem um pouco mais madura. Conte um pouco para a gente da sua relação com o filme.

É até engraçado, mas eu nunca tinha assistido a esse filme quando eu era criança e entrei em contato com ele de uma maneira bastante curiosa: eu precisava fazer um trabalho para a faculdade e decidi falar sobre o grotesco. Dando uma olhada na internet, encontrei uma apresentação muito interessante que tinha como inspiração O Labirinto. Fiquei super curiosa para ver o filme e depois que assisti, adorei! O filme é realmente incrível e ficou martelando na minha cabeça um tempão, quando decidi usá-lo como referência para o conto.

Quais são suas referências e inspirações para este conto, além do filme?

O filme serviu de pano de fundo para a história, mas fui pinçando referências de outras coisas que eu gostava e que tinham me marcado de alguma forma. Com os bailes no castelo, por exemplo, eu quis puxar a cena das festas do Overlook, n' O Iluminado do Stephen King, que para mim, é uma das coisas mais desconcertantes e assustadoras desse livro incrível. Usei também referências a alguns desenhos da Disney, principalmente a Bela e a Fera. Tentei também me inspirar no mito de Perséfone, que ficaria aprisionada no Hades caso acabasse comendo algo de lá. Eu fiz uma pequena bagunça e espero que tenha dado certo.

Além da jornada de Sarah, fiquei bastante interessado na evolução de Varisa, que começa fraca e aos poucos vence seus medos até se tornar

uma figura poderosa no final do conto. Isso estava planejado desde o começo, ou apareceu durante a criação do conto?

Acabei escrevendo a história rápido, muito mais rápido do que eu escrevo normalmente. O primeiro esboço ficou pronto em uma tarde e fui pedindo a opinião de algumas amigas para saber no que eu precisava melhorá-la. Sarah era o foco principal da história e o final de Varsa foi aparecendo durante a escrita do conto. Eu imagino que ninguém deve ter sido mais maltratada pelo irmão do que ela, tendo suas escolhas jogadas para escanteio e servindo apenas aos caprichos dele, e, por isso, ela devia ganhar espaço e mostrar que era dona de si mesma

O que mais você tem publicado, ou para sair, que você pode adiantar para a gente?

Na verdade, sou novata nesse mundo das publicações literárias! Há algum tempo um conto meu saiu na revista Offline, mas foi só. Tive um conto aceito para uma antologia da Editora Estronho, mas infelizmente a coletânea foi cancelada, e pretendo publicá-lo em e-book de forma independente. Tenho alguns contos e um romance que precisam de muita revisão. Sou meio chata com o que escrevo...

Há algo mais que queira divulgar nesta entrevista? Aproveite o espaço!

Meu blog pessoal ainda está em construção, mas queria divulgar, ainda que não tenha a ver com literatura, um trabalho legal sobre futebol, o passedeletra.com. Lá tem resenhas e comentários bem legais sobre os mais diversos temas relacionados ao esporte e eu colaboro com o pessoal de vez em quando.

Quem deseja conhecer melhor o seu trabalho, qual o caminho?

Eu tenho alguns textos antigos publicados – mas são realmente bem antigos – no blog nightsodespertar.blogspot.com.br e pretendo publicar alguns e-books até o final do ano.

Publicidade

CabulosoCast



Um podcast de Leitura, Literatura e Entretenimento
Acesse agora e ouça!

leitorcabuloso.com.br

Publicidade

Podcast Ghost Writer



Literatura! Literatura! Literatura!
Um podcast brasileiro sobre literatura.

programagw.podomatic.com

Obrigado por ler a quarta edição da Trasgo! Esperamos que tenha gostado. Conte para um amigo, visite www.trasgo.com.br e ajude-nos a tornar a revista um pouco mais popular.

Créditos da edição

Organização: Rodrigo van Kampen

Revisão: Lívia Carvalho e Thiago Toste

Ilustração de capa: Edmar Nunes de Almeida

Entrevistadores: Nessa Guedes e Rodrigo van Kampen

Autores: Ademir Pascale, Érica Bombardi, Fred Oliviera, Gerson Lodi-Ribeiro, Jessica Borges e Mary C. Muller.

Anunciantes: Podcast CabulosoCast e Podcast Ghost Writer

Acompanhe a Trasgo

Revista: <http://trasgo.com.br>

Blog do editor: <http://revistatrasgo.tumblr.com>

Twitter: <http://twitter.com/revistatrasgo>

Facebook: <http://fb.com/revistatrasgo>

Google+: <http://trasgo.com.br/gplus>

Proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta edição. Todos os direitos reservados à Revista Trasgo e aos respectivos autores e ilustradores.

Setembro / 2014